



DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
LICENCIATURA EM PSICOLOGIA

CONSEQUÊNCIAS PSICOLÓGICAS DO BULLYING ENTRE
ADOLESCENTES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM.
CASO REALIZADO NO COLÉGIO Dr. ANTÓNIO AGOSTINHO NETO,
MUNICÍPIO DE MBANZA KONGO, PROVÍNCIA DO ZAIRE, 2022-2023

Autor: Aníbal João Rosa

Orientadora: Elisa Madalena Francisco Vemba, Msc.

Luanda, 2024

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
LICENCIATURA EM PSICOLOGIA

CONSEQUÊNCIAS PSICOLÓGICAS DO BULLYING ENTRE
ADOLESCENTES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM.
CASO REALIZADO NO COLÉGIO Dr. ANTÓNIO AGOSTINHO NETO,
MUNICÍPIO DE MBANZA KONGO, PROVÍNCIA DO ZAIRE, 2022-2023

Trabalho de Fim de Curso apresentado ao Instituto Superior de Angola (ISA), como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Psicologia. Sob orientação da Professora Elisa Madalena Francisco Vemba, MSc.

Autor: Aníbal João Rosa

Orientadora: Elisa Madalena Francisco Vemba, Msc.

Luanda, 2024

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
LICENCIATURA EM PSICOLOGIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

**CONSEQUÊNCIAS PSICOLÓGICAS DO BULLYING ENTRE
ADOLESCENTES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM.
CASO REALIZADO NO COLÉGIO Dr. ANTÓNIO AGOSTINHO NETO,
MUNICÍPIO DE MBANZA KONGO, PROVÍNCIA DO ZAIRE, 2022-2023**

O júri:

Presidente: _____

1º vogal: _____

2º vogal: _____

Secretário (a): _____

CLASSIFICAÇÃO _____

DATA DA DEFESA _____ / _____ / _____

DEDICATÓRIA

À minha família, pelo amor e força, por serem o porto seguro e por compreenderem todas as indisponibilidades e ausências.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pai todo poderoso, que é tudo para mim e que me concedeu força, coragem e esperança para poder escrever essa monografia e que esse projecto se torna realidade, apesar de tantos constrangimentos de saúde.

À minha família nuclear que não se cansou sustentando-me espiritual e socialmente na minha trajectória de licenciatura, aos meus pais e irmãos, digo obrigado por tudo quanto fizeram para mim.

À minha orientadora Mestre Elisa Madalena Francisco Vemba, Msc. Estou exprimindo a minha gratidão, desde o primeiro dia do encontro, pelo acolhimento, dedicação, mediante o seu próprio exemplo, como trabalho intelectual requer criatividade, paciência e humildade.

Ao Instituto Superior de Angola (ISA) que me deu a oportunidade de continuar a minha formação académica e realizar mais uma etapa da minha vida estudantil.

Aos meus professores em geral desde o primeiro ano até ao quarto, o meu muito obrigado.

Aos meus colegas, a vós que foram meus conselheiros e meus combatentes, muito obrigado.

EPÍGRAFE

“O bullying é tratar com desumanidade, grosseria a pessoa e tirânica, que ataca os mais fracos”.

Hirigoyen (2011, p.27)

RESUMO

O presente estudo visa compreender as razões, consequências psicológicas do bullying entre adolescentes no processo de ensino-aprendizagem no Colégio Dr. António Agostinho Neto, Município de Mbanza Kongo na Província do Zaire, 2022-2023. Aplicou-se a pesquisa descritiva e modelo de abordagem quantitativa, para resolver o problema, elaborou-se a seguinte pergunta de partida: Quais são as consequências psicológicas do bullying entre adolescentes no processo de ensino-aprendizagem. Estudo de caso: Colégio Dr. António Agostinho Neto, Município de Mbanza Kongo na Província do Zaire, 2022-2023?, construiu-se as seguintes hipóteses: H1. O bullying afecta o rendimento escolar dos adolescentes no processo de ensino-aprendizagem; H2. Os adolescentes vítimas de bullying perdem motivação no processo de ensino-aprendizagem; H3. As vítimas de bullying apresentam baixa auto-estima no processo de ensino-aprendizagem; H4. O bullying causa isolamento social aos adolescentes no processo de ensino-aprendizagem e para atingir os objectivos foi aplicado o inquérito por questionário a uma amostra de 90 alunos de ambos os sexos, com auxílio de um questionário contendo 9 perguntas abertas e fechadas, reconhecendo dados relativos as causas e consequências do bullying; vítimas, agressores e observadores do bullying. Os resultados deste estudo sobre as consequências do bullying escolar, requerem um conjunto de programas e acções de prevenção e intervenção face ao fenómeno.

Palavras-chave: Consequências, Psicológicas, Bullying, Adolescentes e Processo de ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

The present study aims to understand the reasons and psychological consequences of bullying among adolescents in the teaching-learning process at Colégio Dr. António Agostinho Neto, Municipality of Mbanza Kongo in the Province of Zaire, 2022-2023. Descriptive research and a quantitative approach model were applied to solve the problem, the following starting question was created: What are the psychological consequences of bullying among adolescents in the teaching-learning process. Case study: Colégio Dr. António Agostinho Neto, Municipality of Mbanza Kongo in the Province of Zaire, 2022-2023?, the following hypotheses were constructed: H1. Bullying affects adolescents' academic performance in the teaching-learning process; H2. Adolescents who are victims of bullying lose motivation in the teaching-learning process; H3. Victims of bullying have low self-esteem in the teaching-learning process; H4. Bullying causes social isolation to adolescents in the teaching-learning process and to achieve the objectives, a questionnaire survey was applied to a sample of 90 students of both sexes, with the help of a questionnaire containing 9 open and closed questions, recognizing relative data the causes and consequences of bullying; victims, aggressors and observers of bullying. The results of this study on the consequences of school bullying require a set of prevention and intervention programs and actions to address the phenomenon.

Key-words: Consequences, Psychological, Bullying, Adolescents and Teaching-learning process.

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela n.1.....	37
Tabela n.2.....	38
Tabela n.3.....	38
Tabela n.4.....	39
Tabela n.5.....	40
Tabela n.6.....	41
Tabela n.7.....	42
Tabela n.8.....	43
Tabela n.9.....	44
Tabela n.10.....	45
Tabela n.11.....	46
Tabela n.12.....	47
Tabela n.13.....	48
Tabela n.14.....	49
Tabela n.15.....	50
Tabela n.16.....	51
Tabela n.17.....	52
Tabela n.18.....	53
Tabela n.19.....	54
Tabela n.20.....	55
Tabela n.21.....	56
Tabela n.22.....	57
Tabela n.23.....	58

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico n.1.....	40
Gráfico n.2.....	41
Gráfico n.3.....	42
Gráfico n.4.....	43
Gráfico n.5.....	44
Gráfico n.6.....	45
Gráfico n.7.....	46
Gráfico n.8.....	47
Gráfico n.9.....	48
Gráfico n.10.....	49
Gráfico n.11.....	50
Gráfico n.12.....	51
Gráfico n.13.....	52
Gráfico n.14.....	53
Gráfico n.15.....	54
Gráfico n.16.....	55
Gráfico n.17.....	56
Gráfico n.18.....	57
Gráfico n.19.....	58

ÍNDICE

DEDICATÓRIA	I
AGRADECIMENTOS	ii
EPÍGRAFE	iii
RESUMO	iv
ABSTRACT	v
ÍNDICE DE TABELAS E GRÁFICOS	vi
ÍNDICE.....	viii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	5
1.1 – Definição de termos e conceitos	5
1.1.1. Consequências.....	5
1.1.2. Psicológicas.....	5
1.1.3. Bullying.....	6
1.1.4. Adolescentes.....	7
1.1.5. Processo de ensino-aprendizagem.....	8
1.2. Abordagem histórica sobre o bullying	9
1.3. Definições de bullying no contexto escolar.....	10
1.4. Factores explicativos do bullying	11
1.5. Os agressores, as vítimas envolvidos do bullying.....	12
1.6. Causas do bullying.....	14
1.7. Consequências do bullying.....	15
1.8. Conceito de adolescente e o bullying.....	20
1.9. Adolescente e sua caracterização.....	21
1.10. Construção da identidade.....	22
1.11. A escola.....	23
1.12. Escola no contexto de ensino-aprendizagem.....	25
1.13. Escola como instituição social.....	26
1.14. Escola como instituição educativa.....	27
1.15. Escola como instituição organizacional.....	28
1.16. Processo de ensino-aprendizagem.....	29
CAPÍTULO II – METODOLÓGICA DE PESQUISA	31

2.1. Tipos de pesquisa	31
2.2. Modelo de abordagem	31
2.3. Nível de estruturação de método	32
2.4. Técnicas de recolha de dados	33
2.5. Instrumento e procedimento de recolha de dados	34
2.6. População e amostra	35
2.7- Caracterização do Colégio Dr. António Agostinho Neto	36
2.8. Dificuldades encontradas	39
CAPÍTULO III – DISCUSSÃO E RESULTADOS	40
3.1- Apresentação e interpretação dos resultados	40
3.2- Discussão dos resultados	59
CONCLUSÃO	61
SUGESTÕES	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63
APÊNDICES	65
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa compreender as consequências psicológicas do bullying entre adolescentes no processo de ensino-aprendizagem. Caso realizado no Colégio Dr. António Agostinho Neto, Município de Mbanza Kongo na Província do Zaire, 2022-2023.

Verificou-se os problemas relacionados as consequências psicológicas do bullying entre adolescentes no processo de ensino-aprendizagem. O ambiente escolar, é um lugar onde acontecem às primeiras interações sociais nos adolescentes e, é onde acontecem situações conflituosas e violentas.

O bullying, passou a ser estudado na escola, porque despertou atenção dos professores e colaboradores das instituições, por causa do índice de problemas causados no processo de ensino-aprendizagem. Durante o período escolar registam-se agressões psicológicas que incluem atitudes como perseguir, amedrontar, intimidar, manipular e chantagear a vítima.

Estes problemas podem ser classificados, em violência verbal, sexual, social, psicológica, física e virtual (cyberbullying), acontecem por meio de ataques físicos, comentários depreciativos e outras formas que tenham agressão verbal é caracterizada por insultos, xingamentos e apelidos pejorativos. A agressão sexual, a prática ocorre através do assédio e de abusos de cunho sexual. Na agressão social, parte da exclusão e isolamento premeditado da vítima.

O bullying constitui um factor que remete a vítima a várias consequências, que na sua maioria se repercute ao nível de problemas sérios de saúde psicológica, saúde física, ajustamento social, adaptação escolar, adaptação familiar, e adaptação à comunidade. Por estas razões que propõem a prevenção, o combate ao bullying, a prestação de assistência e suporte psicológico às vítimas.

O bullying compreende-se como todas as formas de atitudes agressivas, realizadas de forma voluntária e repetitiva, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais sujeitos contra outro (s), causando dor e angústia dentro de uma relação desigual de poder.

Em Angola, os estudos sobre as consequências psicológicas do bullying entre adolescentes no processo de ensino-aprendizagem, são ainda escassos. Ao longo deste trabalho fomos alvo de compreender o bullying entre os adolescentes do Colégio Dr. António Agostinho Neto, Mbanza Kongo, província do Zaire.

Desta forma, o Governo tem vindo a criar políticas públicas que dêem prioridade à diminuição e prevenção do bullying nas escolas, no caso da criação da Brigada Escolar da Polícia Nacional. Apesar disso, ainda é cada vez mais notável a presença de bullying no sistema de ensino angolano. Diante desta problemática, elaborou-se a seguinte pergunta científica:

- **Quais são as consequências psicológicas do bullying entre adolescentes no processo de ensino-aprendizagem. Caso realizado no Colégio Dr. António Agostinho Neto, Município de Mbanza Kongo na Província do Zaire, 2022-2023?**

Hipóteses

Segundo Correia e Mesquita (2014, p. 38), hipótese expressa uma questão de investigação numa forma que permite ser testada, bem como possibilita prever a natureza da resposta. Contém um conjunto de suposições que são aceites, provisoriamente, como base da investigação.

Para responder de forma provisória a pergunta de partida, construiu-se as seguintes hipóteses:

H1. O bullying afecta o rendimento escolar dos adolescentes no processo de ensino-aprendizagem;

H2. Os adolescentes vítimas de bullying perdem motivação no processo de ensino-aprendizagem;

H3. As vítimas de bullying apresentam baixa auto-estima no processo de ensino-aprendizagem;

H4. O bullying causa isolamento social aos adolescentes no processo de ensino-aprendizagem.

Objectivos de estudo

De acordo com Marconi e Lakatos (2011, p. 106), a especificação do objectivo de uma pesquisa responde as questões para quê e para quem, tanto no quadro geral (relaciona-se com o conteúdo intrínseco, quer dos fenómenos e eventos, quer das idéias estudadas. Vincula-se directamente à própria significação da tese proposta pelo projecto), como no quadro específico (têm função intermediária e instrumental, permitindo, de um lado, atingir o objectivo geral e, de outro, aplicá-lo a situações particulares). Traçou-se os seguintes objectivos:

Objectivo geral

- Compreender as consequências psicológicas do bullying entre adolescentes no processo de ensino-aprendizagem no Colégio Dr. António Agostinho Neto, Município de Mbanza Kongo na Província do Zaire.

Objectivos específicos

- Caracterizar o perfil demográfico da amostra segundo a faixa etária e sexo dos inqueridos;
- Identificar as consequências psicológicas do bullying entre adolescentes no processo de ensino-aprendizagem no Colégio Dr. António Agostinho Neto;
- Descrever as consequências psicológicas do bullying entre adolescentes no processo de ensino-aprendizagem no Colégio Dr. António Agostinho Neto;
- Sugerir a Direcção do Colégio as medidas adoptar para mitigar o bullying no processo de ensino-aprendizagem.

Delimitação e limitação

a) Delimitação:

De acordo com os objectivos traçados, delimitou-se no Colégio Dr. António Agostinho Neto no Município de Mbanza Kongo na Província do Zaire. O trabalho realizou-se no espaço temporal de 2022-2023.

b) Limitação

O presente trabalho limitou-se aos seguintes intervenientes: Professores e Alunos.

Justificativa

A escolha do tema deveu-se por ser estudante finalista do curso de psicologia, deu-nos a possibilidade de observar os aspectos marcantes durante as visitas realizadas no Colégio Dr. António Agostinho Neto, Mbanza Kongo na Província do Zaire, daí foi possível perceber que o fenómeno bullying tem sido objecto de uma preocupação crescente, devido às trágicas consequências psicológicas que tem causado na vida dos adolescentes, desta feita, obrigou-nos um olhar atento e interventivo dos psicólogos para mitigar o problema que os alunos no processo de ensino-aprendizagem.

O sistema educativo angolano apresenta alguns problemas face a outros contextos educativos. Algumas soluções têm sido realizadas como é evidente, contudo é necessário a realização de análises profundas para se determinar soluções para os problemas que afectam a integridade (física e psicológica, etc.) dos adolescentes no processo de ensino-aprendizagem nas instituições escolares.

Estrutura do trabalho

De modo geral, o trabalho está estruturado da seguinte forma:

- No capítulo I. Fundamentação teórica, onde abordou-se as definições de termos e conceitos de autores que sustentam a temática em estudo;
- No capítulo II. Metodologia de pesquisa, onde abordou-se os métodos, técnicas que usou-se para a elaboração da pesquisa;
- No capítulo III. Discussão e resultados;
- Conclusões;
- Sugestões;
- Referências Bibliográficas.

CAPÍTULO I. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Definição de termos e conceitos

1.1.1. Consequências

Segundo Dicionário de língua portuguesa prestígio, (2010, p. 420), esclarece que, consequências são aquelas que resultam ou é produzido por uma causa que afecta o resultado.

De acordo com Rochelle, (2000, p. 601), afirma que, “consequências como sendo um resultado de um trabalho bem ou mal feito”.

Na visão de Kashani e Allan (1998, p. 87), realça que consequências dependem de como os actos são praticados, assim, consequências é o fruto de uma acção previamente elaborada ou não.

1.1.2. Psicológicas

Segundo Dicionário de Psicologia Jaley et. al. (2001), o psicólogo é um profissional, académico e cientista que trata da mente, do estudo e análise dos processos e comportamento de indivíduos e grupos humanos em diferentes situações:

O psicólogo tem como objectivo imediato a compreensão de grupos e indivíduos tanto pelo estabelecimento de princípios universais como pelo estudo de casos específicos, e tem, segundo alguns, como objectivo final o benefício geral da sociedade. É importante frisar que, a função do psicólogo é tentar compreender o papel das funções mentais no comportamento individual e social, estudando também os processos fisiológicos e biológicos que acompanham os comportamentos e funções cognitivas.

Na visão de Pacheco (2010), o Psicólogo é um profissional que explora conceitos como percepção, cognição, atenção, emoção, Inteligência, fenomenologia, motivação, funcionamento do cérebro humano, personalidade, comportamento, relacionamentos interpessoais, incluindo resiliência, entre outras áreas. Psicólogos de orientações diversas também estudam, além dos fenómenos conscientes, conceitos como o inconsciente e seus diferentes modelos.

Para Santeres et al (2013), é um especialista que produz avaliação e tratamento das disfunções mentais, todavia, para este profissional também é direccionado à compreensão e resolução de problemas em diferentes camadas do comportamento humano. A grande maioria dos psicólogos pratica algum tipo de papel terapêutico, seja na psicologia clínica ou no aconselhamento psicológico. Outros dedicam-se à contínua pesquisa.

Segundo Dicionário de Psicologia (2001), diz que, é analisar, enxergar e pesquisar de forma cautelosa. É importante ter em mente, que uma avaliação psicológica é como uma pesquisa sobre o indivíduo que esta sendo avaliado e, assim, é necessário utilizar várias ferramentas com objectivo de levantar informações.

Para Doron e Parot (2001), psicológica é uma experiência que permite a investigação das causas dos motivos comportamental do indivíduo, por meio do discurso livre em um ambiente analítico, de modo individual, com duração de tempo variável e indeterminado. É realizado por analistas que estudam, experimentam e praticam a vivência na clínica psicanalítica.

Percebe-se que, é pesquisar o estado motivacional comportamental do indivíduo, ou seja, permite a investigação das causas dos motivos comportamental do indivíduo, por meio do discurso livre em um ambiente analítico, de modo individual

1.1.3. Bullying

Para Pereira (1997), o bullying como um conjunto de comportamentos agressivos de intimidação com características comuns, entre as quais se identificam várias estratégias de intimidação do outro que resultam em práticas violentas, exercidas por um indivíduo ou por pequenos grupos, com carácter regular e frequente.

O bullying é como todo o comportamento agressivo intencional, dirigido por um aluno ou por grupo de alunos contra outro incapaz de se defender e que se desenrola em contexto escolar como define (Ramírez, 2001).

Segundo Gonçalves (2011), o bullying diz respeito a um tipo de violência exercida entre pares em contexto escolar, o qual deriva da palavra inglesa bully que significa valentão, estando o termo relacionado com agressividade e vitimização entre alunos na escola.

Na óptica de Matos e Gonçalves (2009), explicam que:

o bullying pode ser físico (como no caso de pontapear, dar bofetadas; dar socos, roubar, destruir pertences), verbal (por exemplo, gozar, insultar, dar apelido depreciativo, espalhar rumores), psicológico (tais como, ameaçar, chantagear, enviar mensagens ou fazer telefonemas a dizer coisas desagradáveis), social (no casos de ignorar, excluir socialmente) e sexual (por exemplo, exibicionismo, assédio, comentários desagradáveis acerca de determinadas zonas do corpo da vítima, gozar da orientação sexual do outro, tocar em partes íntimas do colega sem da vontade dele, divulgar comentários ou imagens ou vídeos alheios de carácter sexual).

Serrate (2009) confirma que, o bullying pode ser caracterizado como directo (que são agressões: físicas, verbais, sexuais) ou indirecto (por exemplo, ferir o psicológico, espalhar boatos, excluir socialmente).

Aqui, compreende-se que, o bullying é compreendido como todas as formas de atitudes agressivas, realizadas de forma voluntária e repetitiva, que ocorrem sem motivação evidente, adoptadas por um ou mais alunos contra outro, causando dor e angústia dentro de uma relação desigual de poder.

1.1.4. Adolescentes

Coslin (2009, pp.30-31), esclarece que: os termos de adolescência e de adolescente apareceram na língua francesa entre os séculos XIII e XIV. Provêm do verbo “adolescere” que significa crescer e mais precisamente do seu participio presente. O ser ao qual se aplica este termo é, portanto, etimologicamente, aquele que está a crescer e opõe-se desta forma àquele cuja tarefa de crescer atingiu o seu termo: o adulto. É evidente que a operação de crescer não se limita apenas ao aspecto físico do indivíduo.

No entanto, é este crescimento físico que apresenta o aspecto mais espectacular da entrada na adolescência, e não apenas inicia este período como também provoca o aparecimento de outros aspectos que já não se relacionam directamente com o corpo, como é o caso dos interesses. Ibidem.

As características que permitem descrever um adolescente são: egocentrismo, imaturidade, instabilidade, confusão, despertar para novas realidades, busca acentuada de autonomia, forte necessidade de reconhecimento e aceitação, idealismo, utopia, entusiasmo, criatividade, ingenuidade, embrião para uma nova identidade, adopção das influências dos pares, confirma (Coslin 2002, p. 157).

Vigotsky (2001) afirma que, a adolescência é igual às restantes etapas do ciclo vital de desenvolvimento humano, constituem acima de tudo “idades psicológicas”, que se considera o desenvolvimento como um processo que não ocorre de maneira automática nem determinado pela maturação do organismo, mas sim tem acima de tudo uma determinação sócio-histórica.

No plano internacional, a Organização Mundial de Saúde considera adolescência como um período biopsicossocial, compreendido entre os 11 e 19 anos de idade, tendo em vista as mudanças físicas, psicológicas e sociais que afectam o indivíduo na passagem da infância para a idade adulta, (OMS, 1975).

1.1.5. Processo de ensino-aprendizagem

O processo ensino-aprendizagem ou relação educativa é o conjunto de relações sociais que se estabelecem entre o educador (professor) e o educando (aluno). Esta relação determina os estatutos e papéis dos intervenientes na relação pedagógica, bem como determina o tipo de interacções, comunicações, expectativas e comportamentos desenvolvidos por eles.

Na visão de Tavares e Alarcão (2005, p. 86), entendem aprendizagem como construção pessoal, resultante de um processo experiencial, interior à pessoa e que se traduz numa modificação de comportamento relativamente estável.

Para Libânio (1994, p. 23), o ensino constitui num conjunto de acções, meios e condições para realizar a instrução. Procura estimular, orientar, motivar, o processo de aprendizagem do aluno, ou seja, é através do ensino que se materializa o processo educativo, que acontece na escola.

O ensino se apoia na proposta de tarefas, assim como a aprendizagem na realização de actividades, isto é, tanto o ensino como a aprendizagem se apoiam nas acções que de maneira mútua e recíproca, realizam tanto os estudantes quanto os seus professores. Porque o que se ensina se baseia no que se propõe a fazer e o

que se aprende se baseia no que se faz, afirmam (Tavares e Alarcão 2005, pp. 86-88).

Entende-se que, o processo de ensino-aprendizagem como a apropriação pessoal do conhecimento que constrói um sentido na vida do aluno. E caracteriza-se por um processo de mudanças.

1.2. Abordagem histórica sobre o bullying

As pesquisas sobre bullying ou agressividade e violência entre pares, remontam há várias décadas, iniciando-se com estudos pioneiros de Dan Olweus nos finais de 1970 e iniciou dos anos 1980, passando o bullying a ser objecto de interesse e de investigação.

Para professora Canfield et. al. (1997), explica que, para avaliar os comportamentos e pesquisar acerca de comportamento agressivo entre adolescentes, pesquisas foram realizadas e entre estas vale ressaltar o trabalho apontava nos insultos entre alunos da mesma sala de aula e de outras turmas.

De acordo com Fante (2005) citado por Siqueira, (2012, p. 21), estudos realizados por Dan Olweus, em Bergen na Noruega, no início dos anos 1970, buscavam investigar o problema dos agressores e suas vítimas em ambiente escolar. Inicialmente o tema não despertava interesse, no entanto, após um incidente na década de 1980, com suicídio de três rapazes entre 10 a 14 anos, cuja causa provável tenha sido o facto de sofrerem bullying, passou a chamar a atenção para o tema por parte das instituições de ensino.

Segundo Silva (2015), diz que, o bullying é um fenómeno tão antigo quanto a própria instituição denominada escola. No entanto, o tema só passou a ser objecto de estudo científico no início dos anos 1970. Tudo começou na Suécia, onde grande parte da sociedade demonstrou preocupação com a violência entre estudantes e suas consequências no âmbito escolar. Em pouco tempo, a mesma onda de interesse contagiou todos os demais países escandinavos.

1.3. Definições de bullying no contexto escolar

O bullying é um conjunto de comportamentos agressivos de intimidação com características comuns, entre as quais se identificam várias estratégias de intimidação do outro que resultam em práticas violentas, exercidas por um indivíduo ou por pequenos grupos, com carácter regular e frequente (Pereira, 1997).

Segundo Gonçalves (2011), o bullying diz respeito a um tipo de violência exercida entre pares em contexto escolar, o qual deriva da palavra inglesa bully que significa valentão, estando o termo relacionado com agressividade e vitimização entre alunos na escola.

Matos et al. (2009), refere que:

O bullying pode ser físico (como no caso de pontapear, dar bofetadas; dar socos, roubar, destruir pertences), verbal (por exemplo, gozar, insultar, dar apelido depreciativo, espalhar rumores), psicológico (tais como, ameaçar, chantagear, enviar mensagens ou fazer telefonemas a dizer coisas desagradáveis), social (no casos de ignorar, excluir socialmente) e sexual (por exemplo, exibicionismo, assédio, comentários desagradáveis acerca de determinadas zonas do corpo da vítima, gozar da orientação sexual do outro, tocar em partes íntimas do colega sem da vontade dele, divulgar comentários ou imagens ou vídeos alheios de carácter sexual).

Embora o esforço dos pesquisadores relativo à definição do conceito de bullying, esta palavra apresenta uma dificuldade em se traduzir, para a língua portuguesa, devido a sua complexidade.

Segundo Lopes (2005), a adopção universal do termo bullying foi decorrente da dificuldade em traduzi-lo para diversas línguas. Durante a realização da Conferência Internacional Online School Bullying and Violence, de Maio a Junho de 2005, ficou caracterizado que o amplo conceito dado à palavra bullying dificulta a identificação de um termo nativo correspondente em países como Alemanha, França, Espanha, Portugal, Brasil, entre outros.

O bullying pode ser caracterizado como directo (que são agressões: físicas, verbais, sexuais) ou indirecto (por exemplo, ferir o psicológico, espalhar boatos, excluir socialmente), confirma (Serrate 2009).

Segundo Day (1996), considera o bullying como o abuso físico ou psicológico contra alguém que não é capaz de se defender. Para este autor, são quatro factores que contribuem para o desenvolvimento de um comportamento de bullying: i) uma atitude negativa pelos pais ou por quem cuida da criança ou do adolescente; ii) uma atitude tolerante ou permissiva quanto ao comportamento agressivo da criança ou do adolescente; iii) um estilo de paternidade que utiliza o poder e a violência para controlar a criança e o adolescente; e iv) uma tendência natural da criança ou do adolescente a ser arrogante.

Ainda o mesmo autor defende que a maioria dos bullies são meninos, mas as meninas também o podem ser. As meninas que são bullies utilizam, às vezes, métodos indirectos, como fofocas, a manipulação de amigos, mentiras e a exclusão de outros de um grupo.

1.4. Factores explicativos do bullying

Para identificar os diversos factores explicativos do bullying, são os modelos teóricos referidos pela literatura que possibilitem a explicação e a compreensão do bullying. Assim, contamos com o modelo de Bronfenbrenner.

Para compreensão do bullying, deve-se então tentar perceber os diferentes níveis e as relações que o indivíduo estabelece nos microssistema e mesossistema, onde se concentram a evidência para os factores causais.

O microssistema relaciona-se com a camada mais próxima ao indivíduo, contém as estruturas com as quais ele interage de forma próxima, abrangendo desta forma as relações estabelecidas com a família, a vizinhança, a escola de forma bi-direccional, se por exemplo as relações estabelecidas neste contexto não forem boas, eleva a capacidade do indivíduo envolver-se em comportamentos de bullying, refere (Berk 2000).

No microssistema, apresentamos dois factores: primeiro, aos factores individuais, o mais apontado é o temperamento impulsivo, que contribui para o desenvolvimento de uma personalidade agressiva, afirma Olweus (1993).

Segundo, aos factores familiares que lidam com a ausência de afecto, falta de atenção para com as crianças e jovens, padrões educativos autoritários, permissivos ou negligentes, métodos coercitivos e violentos, má qualidade nas relações, falta de

supervisão por parte dos pais ou cuidadores, são promotores da oportunidade para o surgimento e desenvolvimento de comportamentos agressivos e de bullying (Ibidem).

Para Berk (2000), o mesossistema corresponde com a camada que proporciona a ligação entre as estruturas do microsistema, no caso da ligação estabelecida entre o professor da criança ou do jovem e os seus pais ou encarregados de educação, entre a sua igreja e o seu bairro, podem ser factores influentes no comportamento de bullying.

Para Carvalhosa (2010), no mesossistema, apresentamos dois grupos de factores: primeiro grupo, aos factores social e supervisão na escola parecem ter um papel importante na frequência e severidade dos problemas de bullying, disciplinas autoritárias, punitivas e inconsistentes, e falta de supervisão, podem estar na base de surgimento do fenómeno, aponta

O segundo grupo enfatizam a existência de comportamentos agressivos no contexto familiar e social próximo da criança e do adolescente podem, de igual modo, servir de modelos na adopção de comportamentos agressivos, e funcionar como estratégias apreendida e reforço de resolução de conflitos, afirmam (Matos e Gonçalves, 2009).

1.5. Os agressores, as vítimas envolvidas do bullying

É possível definir várias formas de participação no bullying, nomeadamente os agressores, as vítimas e os observadores. Todo o comportamento de bullying se manifesta porque existe alguém que é alvo de tal comportamento, o que implica o envolvimento activo de dois sujeitos, sendo um agressor e uma vítima. De referir que existe ainda outra frange de alunos que se envolve directamente neste tipo de comportamentos denominados de observadores (Olweus, et. all. 1993).

Na visão de Matos e Negreiro (2009), aqueles que agride física ou psicologicamente os seus pares, sem justificação, descrevem o perfil do agressor como sendo um indivíduo extrovertido, dominador, com atitudes tirânicas recorrentes e delinquência, que por regra desrespeita as normas estabelecidas, com fraco envolvimento escolar, baixo rendimento escolar e eleva auto-estima.

Os agressores podem ser passivos ou típicos. Consideram-se agressores passivos, os indivíduos que se envolvem em comportamentos de bullying sem tomar iniciativa própria; ao passo que os agressores típicos são descritos como sendo o tipo de aluno muito agressivo que desenvolve acções maléficas por iniciativa pessoal (Olweus, 1993).

Quanto às vítimas, segundo este autor, a vítima é alguém que apresenta sinais de evitação, medo ou receio de ir para escola, manifestando dificuldades na procura de ajuda dos familiares, professores ou funcionários da escola. Desde os primeiros estudos desenvolvidos por Olweus que remontam a 1978, que se verifica a existência de vítimas típicas, geralmente inseguras, passivas, ansiosas, sensíveis e muito retraídas (Olweus, 1993).

Segundo Matos e Negreiro (2009), as vítimas, em geral, quando são atacadas, reagem com choros, envergonhados e com falta de autoestima e não se sentem atractivos. Pelo contrário, estas vítimas, existem também as vítimas agressivas com tendência a reagir de forma enérgica em defesa da sua integridade. Estas vítimas evidenciam fracas competências de controlo dos impulsos, envolvendo-se com frequência em actos violentos,

O bullying não é um fenómeno que afecta apenas os agressores e as vítimas, sendo antes considerado um problema mais alargado no qual participam igualmente os observadores. Os observadores do bullying, não estão isentos do impacto deste fenómeno, mesmo não envolvendo-se directamente nas práticas de bullying. No entanto, estas crianças ou adolescentes têm-se tornado alvos das agressões e, por este motivo, sentem medo de intervir, (Carvalhosa, et. al, 2009).

1.6. Causas do bullying

As causas do bullying podem residir nos modelos educativos a que são expostas aos adolescentes, na ausência de valores, de limites, de regras de convivência; em receber punições ou castigo através de violência ou intimidação e a

aprender a resolver os problemas e as dificuldades com a violência. (Lisboa, Braga e Ebert, 2009).

O bullying se dá a partir de acções discriminatórias e práticas frequentes de violência no quotidiano escolar, tratando-se de um tipo de exclusão social capaz de oprimir, intimidar e machucar aos poucos, sem nunca ser declarada de facto, referem (Oliveira e António 2006).

Para Fante (2005), na maioria das vezes as vítimas sofrem caladas por vergonha de se exporem ou por medo de represálias dos seus agressores, tornando-se reféns de emoções traumáticas destrutivas, como medo, insegurança, raiva, pensamentos de vingança e de suicídio, além de fobias sociais e outras reacções que impedem seu bom desenvolvimento escolar.

Para Davidoff (2005, pp.157-159.), o comportamento agressivo tem origem esses principais factores:

i) resultante de um instinto agressivo. Tanto psicólogos como filósofos admitem, em certas ocasiões, a natureza puramente instintiva da agressão.

Este instinto agressivo era sopitado pela sociedade;

ii) resultante da conjugação de aprendizagem e de factores situacionais. A educação dada pelos pais desempenha relevante papel na formação de uma personalidade, mais ou menos agressivo e que factores situacionais funcionam como desencadeastes de comportamento agressivos.

O factor aprendizagem funcionaria, dentro desta conceptualização, como responsável pela formação de personalidade mais ou menos agressiva, ou seja, mais ou menos pronta a reagir agressivamente diante de determinados factores situacionais.

De acordo com Zassala, (2017), existem demais factores que influem no comportamento agressivo, destacando três:

i) a frustração surge quando um obstáculo impede as pessoas de fazer algo que desejam, de atingir um objectivo ou satisfazer uma necessidade, um desejo ou uma expectativa;

ii) a provocação refere-se a acto de incitar alguém através de uma atitude fora do estado normal da tranquilidade;

iii) a obediência a ordens refere-se quando um agente de agressão se sente como um mero executor de ordens superiores ou como um agente para o atingimento de um fim por ele considerado justo e até altruído.

Nas escolas, o bullying é considerado como um fenómeno complexo, muitas vezes banalizado ou confundido com agressão e indisciplina e que podem estar associados a factores económicos, sociais, culturais, aspectos inatos de comportamento e influências familiares, de amigos, da escola e da comunidade, afirma (Lopes e Neto, 2005).

1.7. Consequências do bullying

De acordo com Melo (2010), as consequências ocasionadas pelo bullying nos envolvidos, algumas experiências são menos traumatizantes, outras deixam estigmas para o resto da vida, sobretudo nas vítimas. Nos agressores as consequências podem vitimizá-las no futuro, de acordo com o rumo que sua vida tomar. Alguns agressores adoptam a violência como estilo de vida, chegando à marginalização. Muitos espectadores não superam os temores de envolvimento, a angústia de não poder ajudar e se tornam pessoas inseguras e de baixa auto-estima.

1.7.1. Vítimas do bullying

Para Fante (2005), as consequências para as vítimas do bullying são graves e abrangentes, causando a falta de interesse pela escola, onde o aluno encontra dificuldades de aprendizagem, rendimento escolar abaixo da média, e até mesmo a evasão escolar. Emocionalmente, este aluno vítima do bullying apresenta ainda baixa resistência imunológica, baixa auto-estima, os sintomas psicossomáticos, transtornos psicológicos, a depressão e até mesmo o suicídio.

De acordo com Fante (2005), considera que, a não superação dos traumas, gera sentimentos negativos e pensamentos de vingança, baixa auto-estima, dificuldades de aprendizagem, queda do rendimento escolar, pode se transformar em um adulto com dificuldade de relacionamentos e com outros graves problemas.

Segundo Silva (2010), relativamente a principais problemas que uma vítima de bullying pode enfrentar na escola e ao longo da vida, as consequências são as mais variadas possíveis e dependem muito de cada indivíduo, da sua estrutura, de vivências, de predisposição genética, da forma e da intensidade das agressões. No entanto, todas as vítimas, sem excepção, sofrem com os ataques de bullying (em maior ou menor proporção). Muitas levarão marcas profundas provenientes das agressões para a vida adulta, e necessitarão de apoio psiquiátrico e/ou psicológico para a superação do problema.

De acordo com o entendimento, percebe-se que, os problemas mais comuns são: desinteresse pela escola; problemas psicossomáticos; problemas comportamentais e psíquicos como transtorno do pânico, depressão, anorexia e bulimia, fobia escolar, fobia social, ansiedade generalizada, entre outros. O bullying também pode agravar problemas pré-existentes, devido ao tempo prolongado de stress a que a vítima é submetida. Em casos mais graves, podem-se observar quadros de esquizofrenia, homicídio e suicídio.

1.7.2. Agressores

Na visão de Silva (2010), as consequências nos agressores se dá pelo distanciamento e a falta de interesse ao conteúdo ensinado, projectando na violência uma forma de popularidade e demonstração de poder, em alguns casos essa violência habilita o agressor para futuras condutas violentas na vida adulta.

Para Santomauro (2010, p 72), destaca as acções do agressor no ambiente escolar:

- Começam com brincadeiras de mau gosto, que rapidamente evoluem para gozações, risos provocativos, hostis e desdenhosos.
- Colocam apelidos pejorativos e humilhantes, com explícito propósito maldoso.
- Insultam, difamam, ameaçam, constrangem e menosprezam alguns alunos.
- Fazem ameaças diretas ou indiretas, dão ordens, dominam e subjugam seus pares.
- Perturbam e intimidam, utilizando-se de empurrões, socos, pontapés,

tapas, beliscões, puxadas de cabelos ou de roupas.

- Estão sempre se envolvendo, de forma direta ou velada, em desentendimentos e discussões entre alunos ou entre alunos e professores.
- Apresentam comportamento de desrespeito a figuras de autoridade (professores, supervisores e director) e a regras estabelecidas.

1.7.3. Espectadores ou observadores

De acordo com Silva (2010), os espectadores, que são a maioria dos alunos, estes podem sentir insegurança, ansiedade, medo e estresse, comprometendo o seu processo socioeducacional.

1.7.4. Prevenção e intervenção face ao bullying

A Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança (1989) no seu artigo 19º torna claro que as crianças têm o direito fundamental de se sentirem seguras na escola, o que figura como base para o seu bem-estar e rendimento académico.

1. Os Estados Partes adoptarão todas as medidas legislativas, administrativas, sociais e educacionais apropriadas para proteger a criança todas as formas de violência física ou mental, abuso ou tratamento negligente, maus tratos ou exploração, inclusive abuso sexual, enquanto a criança estiver sob a custódia dos pais, do representante legal ou de qualquer outra pessoa responsável por ela.
2. Essas medidas de protecção deveriam incluir, conforme apropriado, procedimentos eficazes para a elaboração de programas sociais capazes de proporcionar uma assistência adequada à criança e às pessoas encarregadas de seu cuidado, bem como para outras formas de prevenção, para a identificação, notificação, transferência a uma instituição, investigação, tratamento e acompanhamento posterior dos casos acima mencionados de maus tratos à criança e, conforme o caso, para a intervenção jurídica.

Quanto às medidas de intervenção e prevenção do bullying, temos a influência que o programa bully/vítima criado por Dan Olweus, originalmente experimentado no contexto norueguês a partir dos anos 80 do século passado. O programa foi realizado para prevenir e minimizar as situações de bullying, no sentido de construir um clima de cooperação e melhor relacionamento entre os alunos (Olweus e Limber, 2011).

Segundo Olweus (1993), o bullying, cuja incidência recai predominantemente em três níveis distintos de actuação: a vertente da escola enquanto estrutura organizativa; a turma enquanto grupo; e o próprio aluno como potencial vítima, agressor ou testemunha. Neste sentido devem envolver o agressor e a vítima:

Dando-lhes apoio individualizado, tal como promovendo competências cognitivas, emocionais e comportamentais, no caso de gestão emocional; comportamento assertivo; resolução de problemas; escuta-activa; trabalho em equipa; procura de soluções pacíficas; uso do humor no lidar com o agressor; trato amigável; envolvimento na participação activa; técnicas de relaxamento; actividades extra-curriculares; recurso ao desporto, às artes entre outras actividades para controlar o stress, aborrecimento/tédio, ansiedade/depressão, podendo melhorar a frequência da agressão, visto se manterem entretidos e ocupados nas actividades que lhes proporciona agrado; utilização de vídeos, teatro-debate, histórias, jogos dramáticos e cooperativos.

Preconizam, ainda, o envolvimento dos professores e da escola, no sentido de avaliar o problema na própria escola, identificando as actividades bullying, estabelecendo regras no regulamento escolar contra este fenómeno, oferecendo formação adequada aos professores, promovendo o diálogo, envolvendo e responsabilizando os alunos, tal como melhorando a supervisão.

Também as famílias devem se envolver no percurso escolar do seu educando, identificando sinais de violência no adolescente e prevenindo comportamentos agressivos. Quanto à política é crucial que valorize e invista no sistema social e educativo.

Pereira, et al. (2009) propõem dois níveis para prevenir e reduzir o bullying em contexto escolar:

A longo prazo (incluindo o tema na formação académica de profissionais de diferentes áreas; melhorando os recreios/pátios, de forma a diversificar a oferta de espaços que facilite a supervisão) e a curto e médio prazo (tratando do bullying o mais cedo possível, junto do contexto escolar e comunitário; elaborando um projecto educativo e um regulamento disciplinar onde são definidas as políticas globais de forma clara, envolvendo toda a comunidade educativa; sensibilizando e dando formação aos docentes, funcionários da escola e pais/encarregados de educação; melhorando os recreios/pátios; oferecendo aos alunos desporto escolar e outras ocupações dos

tempos livres; sensibilizando os alunos para a problemática) como confere (Pereira, et al. 2009).

Segundo Neto (2005) a prevenção do bullying deve se centrar na formação de grupos de apoio (que protegem os alunos e os auxilia na solução dos comportamentos bullying), na vítima (dando apoio) e nos agressores (criando condições para desenvolverem comportamentos mais amigáveis, evitando o uso da punição, castigos, supervisão ou exclusão da escola, pois acabaria por marginalizá-los). Os alunos envolvidos em bullying devem ser observados de perto e atentamente para que haja possibilidade de redução deste tipo de situações, atenuando a incidência e reincidência de delinquência futura.

Para Ferraz e Pereira, (2012), relativamente aos professores, é necessário que estejam receptivos ao diálogo na sala de aula, respeitando as diferenças entre os alunos, criando um ambiente de tolerância, respeito e cooperação, sendo que ao tomarem conhecimento das situações de bullying, devem informar de imediato a direcção da escola e os pais/encarregados de educação dos alunos envolvidos, procurando resolver o problema.

Os programas tinham como objectivo prevenir o desenvolvimento de novos problemas que atentavam contra a integridade física e psicológica dos alunos. Estes objectivos podem ser expressos de maneira positiva, visando conseguir melhorias a nível das relações interpessoais na escola, promovendo a convivência sadia entre os alunos, criando condições que possibilitem tanto agressores como vítimas desenvolverem valores e relacionarem-se melhor, dentro e fora do recinto escolar.

O bullying deverá ser analisado e abordado à luz de uma problemática de cariz sistemático e sistémico, sendo que qualquer acção interventiva a implementar nas escolas deverá incidir sobre o contexto global da instituição, levando à redefinição da sua política organizacional e não focalizando, por esse motivo, as atenções (e a procura de soluções) apenas na estigmatização dos papéis desempenhados pelos dois protagonistas - agressores e vítimas, (Formosinho e Simões, 2001).

Torna-se indispensável para as escolas investir fortemente na promoção do envolvimento da comunidade escolar no seu conjunto para que cada um dos seus

elementos possa efectivamente perceber o papel determinante que cada um pode desenvolver, afirmam (Estrela e Pereira, 2008).

1.8. Conceito de adolescente e o bullying

Começa-se com Coslin (2009, pp.30-31), que esclarece: os termos adolescência e adolescente apareceram na língua francesa entre os séculos XIII e XIV. Provêm do verbo “adolescere” que significa crescer e mais precisamente do seu particípio presente. O ser ao qual se aplica este termo é, portanto, etimologicamente, aquele que está a crescer e opõe-se desta forma àquele cuja tarefa de crescer atingiu o seu termo: o adulto. É evidente que a operação de crescer não se limita apenas ao aspecto físico do indivíduo.

No entanto, é este crescimento físico que apresenta o aspecto mais espectacular da entrada na adolescência, e não apenas inicia este período como também provoca o aparecimento de outros aspectos que já não se relacionam directamente com o corpo, como é o caso dos interesses. (Pepler, Craig e Smith et al. 2004).

De acordo com Eisnstein (2005), a adolescência é o período de transição entre a infância e a vida adulta, caracterizando-se pelos estímulos de desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social e também pelos esforços do indivíduo em atingir os objectivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que vive.

Segundo Steinberg (1993), propõe uma classificação em três fases: i) Adolescência inicial, dos 11 aos 14 anos; ii) Adolescência média, dos 15 aos 17 anos; iii) Adolescência final, dos 18 aos 21. Essa última fase sobrepõe-se à juventude.

Para Davidoff e Sampaio, (2001), em geral, a adolescência começa aos 11-12 anos, e culmina com o início da juventude. Para alguns autores, esta fase situa-se entre 14-15 anos e limita-se entre os 17-18 anos.

Vigotsky (2001), afirma que, a adolescência é igual às restantes etapas do ciclo vital de desenvolvimento humano, constituem acima de tudo “idades

psicológicas”, que se considera o desenvolvimento como um processo que não ocorre de maneira automática nem determinado pela maturação do organismo, mas sim tem acima de tudo uma determinação sócio-histórica.

No plano internacional, a Organização Mundial de Saúde considera adolescência como um período biopsicossocial, compreendido entre os 11 e 19 anos de idade, tendo em vista as mudanças físicas, psicológicas e sociais que afectam o indivíduo na passagem da infância para a idade adulta, (OMS, 1975).

Portanto, a adolescência é uma fase do desenvolvimento humano, intermediária entre a infância e a vida adulta. Seu conceito pode ser definido a partir de diferentes ramos das ciências sociais, entre outros, a psicologia, a sociologia, o direito, a antropologia.

1.9. Adolescente e sua caracterização

As características que permitem descrever um adolescente são: egocentrismo, imaturidade, instabilidade, confusão, despertar para novas realidades, busca acentuada de autonomia, forte necessidade de reconhecimento e aceitação, idealismo, utopia, entusiasmo, criatividade, ingenuidade, embrião para uma nova identidade, adopção das influências dos pares, confirma (Coslin 2002, p.157).

Segundo Papalia, et. al. (2000, pp.312-313), como se desenvolvem os rapazes e as raparigas a nível físico e sexual Geralmente o crescimento a nível da altura e peso ocorre mais cedo nas raparigas. As meninas entre os 11 e 13 anos são mais altas, mais pesadas e mais fortes que os meninos da mesma idade. A nível das características sexuais, sendo primárias ou secundárias, as diferenças verificam-se de forma convincente:

Os caracteres primários como os órgãos reprodutivos, na mulher sendo os ovários, trompas de Falópio, útero e vagina. No homem são testículos, escroto, prostata, pénis e vesículas seminais, e é durante a puberdade que estes órgãos se desenvolvem. Enquanto aos caracteres sexuais secundários, referem-se que estes não estão directamente relacionados com os caracteres primários, pois abrangem sinais fisiológicos mais externos de maturação sexual, desde o desenvolvimento da voz, textura da pele, crescimento dos seios e dos pêlos pubianos, desenvolvimento muscular, aumento da profundidade da pélvis, (Papalia, et. al. 2000, pp313).

Referem Papalia et al. (2000, p.312-313), para além destas inúmeras transformações físicas e sexuais não é de todo menos importante falar acerca das mudanças cognitivas e psicológicas pelas quais todos os adolescentes passam. Seja duma forma mais ou menos positiva, a adolescência é uma descoberta a nível íntimo, pessoal e idiossincrático, por vezes nem sempre todas estas mudanças são simples de ser exploradas e aceites pelo indivíduo.

Os adolescentes tem, de preferência, uma imagem favorável do seu próprio corpo mas se os rapazes e as raparigas avaliam da mesma forma a respectiva condição física, distinguem-se pelo contrário no que respeita ao sentimento de eficiência corporal, (Coslin, 2009, p.45).

1.10. Construção da identidade

Na perspectiva de Erikson (1968), o processo de formação e construção da identidade foi muito influenciado pela existência de uma sequência de estádios de desenvolvimento psicossocial. Cada estágio psicossocial é constituído por um momento de crise, ou seja, uma fase que confronta os indivíduos com tarefas desenvolvimentais específicas às quais é necessário dar resposta.

De acordo com Ferreira (1995, p.140), a formação da identidade é um processo longo, lento e complexo, e se cria por um processo de desenvolvimento e mudanças contínuas e gradativas, que se origina do encontro do bebê com sua mãe, amplia-se nas relações com outras pessoas, tornando-se cada vez mais abrangente até alcançar todas as esferas da humanidade.

Se a identidade como noção é dinâmica e englobante, o seu processo de construção é eminentemente psicossocial, pois é evidente como os factores internos e externos contribuem para a sua coerência e unidade. A adolescência, período assinalada pelas transformações e mudanças sucessivas nas esferas inter e intra-individuais, desempenha um papel fundamental e marcante na construção de uma identidade pessoal, refere (Waterman, 1982).

O ponto de vista de Costa (1990), busca esclarecer que, a formação da identidade tem uma dupla função: psicológica e social. Por outras palavras, o adolescente, por um lado, necessita de organizar e compreender a sua

individualidade de uma forma consistente e sem contradições; por outro lado, a construção da identidade é um processo social que surge de pressões externas para que o adolescente escolha e invista em papéis familiares, profissionais e sociais, o que lhe dá um estatuto e posição na sociedade.

Este panorama reflecte, claramente, o caminho frágil e vulnerável que o adolescente terá de percorrer. O desfecho menos positivo na aquisição duma identidade coerente poderá ser um estado de difusão de identidade. Deste modo, o início da adolescência está pautado por duas possibilidades em aberto, pelo que a crise pode ser resolvida em qualquer um dos sentidos. Tudo depende das escolhas que o adolescente faz e das decisões que toma. Portanto, existem inúmeras trajectórias possíveis para a formação da identidade, afirmam (Sprinthall e Sprinthall, 1993).

1.11. A escola

De acordo com Gaspar e Diogo (2010), ao considerar a escola, ou fazer ligação da escola à instituição, por serem conjuntos de relações, pessoas e recursos destinados a satisfazer necessidades sociais específicas. Assim as finalidades da escola são constituídas pelo conjunto de intenções que presidem à acção educativa escolar. E, para tais, a escola está no mesmo momento ao serviço do indivíduo e da sociedade.

Fichter (1973), considera a escola como uma estrutura relativamente permanente de padrões, papéis e relações que os indivíduos realizam, segundo determinadas formas sancionadas e unificadas, com o objectivo de satisfazer as necessidades sociais básicas. As características das instituições são: têm finalidade e conteúdo relativamente permanentes, são estruturadas, possuem estrutura unificada e valores.

Por isso, devem ter função (a meta ou propósito do grupo, cujo objectivo seria regular as suas necessidades) e estrutura composta de pessoal (elementos humanos), equipamentos (meios materiais ou imateriais), organização (disposição de pessoal e do equipamento, observando-se uma hierarquia – autoridade e

subordinação), comportamento (normas que regulam a conduta e as atitudes dos indivíduos). Ibidem

Para Tavares e Alarcão (2005), as turmas integram o todo, a comunidade educativa que é a escola, com todos os outros agentes e espaços que dela fazem parte. Na verdade, uma escola não devia nunca ser reduzida, como por vezes acontece, a uma realidade abstracta, a reflectir simplesmente o modelo daqueles que a conceberam, de um modo indiferenciado e anónimo, entre tantas outras que fazem parte da rede do sistema educativo a que pertencem.

Pelo contrário, ela deveria reflectir, antes de mais, a imagem autêntica de tudo aquilo que encerra e de todos aqueles que a constituem, com os seus anseios, as suas preocupações, os seus problemas, as suas alegrias e as suas penas. Só assim a escola, no pleno sentido da palavra, seria uma verdadeira comunidade educativa.

Segundo Costa e Vale, (1998), a escola é uma instituição que, para além de ter o encargo de educar e reportar saberes, pretende o pleno desenvolvimento dos alunos, a promoção de valores e relações interpessoais

Neste espaço, os alunos aprendem a integrar-se em grupos, aceitando as diferenças uns dos outros e retirando prazer em partilhar com eles os seus interesses e as suas alegrias e tristezas, (Haber e Glatzer, 2009).

Para Ferraz e Pereira, (2012), a escola que deveria ser um local de aprendizagem e de nutrição de relações positivas entre os alunos é na verdade um local onde acontece exactamente o oposto, ou seja, onde se assiste a desmotivação, desinteresse e, por sua vez, violência, medo e insegurança entre pares.

Delors et al. e Gonçalves (2011), referem que, os alunos cujos valores não estão bem consistentes manifestam apatia, instabilidade, insegurança e desapego pela escola, o que faz com que se registe maior número de casos de indisciplina e violência, tal como de comportamentos bullying.

1.12. Escola no contexto do processo de ensino-aprendizagem

Vários são pesquisadores em Ciências Sociais, com várias visões, conceituaram a escola. A escola é considerada como agrupamento social; por isso, a educação não tem vida fora da dinâmica da sociedade. Essa dinâmica reflecte-se nas políticas de educação e esta pode contribuir para a (re)produção de classes, refere (Afonso, 2002).

Segundo Cabanas (1989), a escola é de origem infra-estrutural, como sendo associação, organização de convivência social.

Ao considerar a escola, ou fazer ligação da escola à instituição, por serem conjuntos de relações, pessoas e recursos destinados a satisfazer necessidades sociais específicas. Assim as finalidades da escola são constituídas pelo conjunto de intenções que presidem à acção educativa escolar. E, para tais, a escola está no mesmo momento ao serviço do indivíduo e da sociedade, consideram Gaspar e Diogo (2010).

Fichter (1973), considera a escola como uma estrutura relativamente permanente de padrões, papéis e relações que os indivíduos realizam, segundo determinadas formas sancionadas e unificadas, com o objectivo de satisfazer as necessidades sociais básicas. As características das instituições são: têm finalidade e conteúdo relativamente permanentes, são estruturadas, possuem estrutura unificada e valores.

Por isso, devem ter função (a meta ou propósito do grupo, cujo objectivo seria regular as suas necessidades) e estrutura composta de pessoal (elementos humanos), equipamentos (meios materiais ou imateriais), organização (disposição de pessoal e do equipamento, observando-se uma hierarquia – autoridade e subordinação), comportamento (normas que regulam a conduta e as atitudes dos indivíduos), (Coslin, 2009, p.45).

1.13. Escola como instituição social

De acordo com Berger e Berger (1977, pp.195-198), o conceito de Instituição Social remete-se à descrição de cinco características que são:

a) Exteriorização. Verifica-se o reconhecimento social pelo testemunho colectivo da existência das instituições sociais que lhes são próprias e pertinentes enquanto elemento exterior a si, que se apresenta fora do indivíduo, denotando uma existência para além dos indivíduos e esses a elas se submetem. É a consideração colectiva de que não há como vivermos em sociedade sem estarmos vinculados às instituições;

b) Objectividade. Característica cuja concretização se realiza na constatação do colectivo dos sujeitos de que existe um determinado modo pela qual tal instituto se apresenta organizado, tanto quanto as possibilidades de os objectivos traçados serem atingidos. Para cumprir essa objectividade, é preciso que ao menos quase todos os sujeitos admitam que tal instituição seja importante socialmente, a ponto de não existir a possibilidade de desconsiderá-la;

c) Força coercitiva. Consiste em aplicar os comportamentos de modo a demonstrar aos indivíduos a maneira mais adequada para viver em sociedade. Este aspecto tem estreita ligação com as forças exteriores e objectivas porquanto exige a pressão de instrumentalidade aos sujeitos para acumularem algumas habilidades, costumes e normas para viver na colectividade. É a incorporação dos padrões de comportamentos socialmente construídos cuja rejeição e/ou tentativa de suprimi-los acarretará a legitimidade do uso de medidas repressivas e castigos mais severos;

d) Autoridade moral. A sociedade, por meio das instituições, exerce o controlo sobre os indivíduos com base na imposição de valores morais, exigindo determinadas atitudes e ou comportamentos. Os autores advertem: o grau de autoridade moral atribuído às instituições varia de caso para caso e a cobrança ao indivíduo varia de acordo com a infracção cometida. Nesse contexto, as cobranças ocorrerão seguidas de um sentimento de honradez ofendida. A questão moral pode ser delimitada geograficamente.

e) Historicidade. É revelado todo o comprometimento existencial das instituições durante a vida pretérita dos sujeitos, e o mesmo ocorrerá ao projetar os interesses institucionais para o futuro dos sujeitos e seus interesses particulares. Este aspecto aprova e denuncia a funcionalidade das instituições, tornando-as independentes das vontades individuais ou de grupos sociais de costumes

particulares, uma vez que seu carácter é universalizante, devendo atingir, portanto, a totalidade da população.

O objectivo desse autor atrela-se à formação de cidadãos, para que, por meio da educação progressiva, possam se desenvolver individual e socialmente. Assim, a escola assume o lugar primordial no debate democrático, visto que é instituição de marcada influência na composição de valores e práticas da sociedade. Ibidem

1.14. Escola como instituição educativa

Piletti (1985), diz que, a escola como sendo o principal meio de educação na sociedade actual, e tem como principal finalidade, actuar mediante actividades sistematizadas e programadas, assim como disponibilizar aos alunos, o património cultural da humanidade. Esse património que se perpetua por meio do currículo escolar, embora muitas vezes isso não ocorra, pois nem sempre são levadas em consideração as experiências humanas mais significativas, e sim as experiências dos grupos dominantes.

De acordo com Sarraff (2000, p. 61), a escola e o sistema educativo, contribuem também para a conservação, a evolução e a dinamização da cultura, sobretudo quando promovem reflexões e desenvolvem críticas que favorecem a assimilação e adopção de novas tecnologias indispensáveis ao progresso colectivo; – a escola, ao assumir a custódia das crianças e ao oferecer uma série de apoios facilita a actividade laboral dos pais, em especial das mães; – a escola cria também condições para a materialização de projectos educativos pessoais, informando, formando e acompanhando”.

Para Delors, (2012), actualmente, a escola considera-se como instituição educativa, porque tem a missão de transmitir, de forma maciça e eficaz, saberes e saber-fazer evolutivos e adaptados à civilização cognitiva

Por isso, fornece a crianças e adultos, as bases culturais que lhes permite decifrar as mudanças em curso na sociedade contemporânea. A escola proporciona a capacidade de realizar uma selecção na massa de informações, para melhor decifrar e recompor os acontecimentos inscritos numa história de conjunto. Ibidem

A escola, enquanto instituição educativa, assume, actualmente, um papel activo na promoção do desenvolvimento interpessoal dos seus membros e, em particular, dos seus alunos (Negru e Baban, 2009).

1.15. Escola como instituição organizacional

A escola como organização é uma fantasia colectiva, construída nos e pelos relacionamentos recíprocos dos actores. A análise da linguagem, das metáforas, dos valores e das percepções dos indivíduos constitui a via de acesso ao conhecimento da realidade organizacional na exacta medida em que permite compreender o sentido conferido pelos actores à sua acção.

De acordo com Talani Diambo (2017), a escola é uma instituição que alberga grupos de indivíduos que contribuem para o seu funcionamento com o objectivo de materializar um plano educacional tendo em consideração as orientações das políticas educativas do Estado, para a integração social dos alunos e por conseguinte o progresso social.

Segundo Gaspar e Diogo (2010), ao afirmamos a escola como uma organização social, por nela estarem presentes as variáveis básicas de qualquer organização. Na escola há aspectos ligados à convivência e a cooperação humanas e, da existência de tarefas, estrutura, pessoas, tecnologia e ambiente, nela se identifica os traços, tais como grupos de pessoas, finalidades explícitas, divisão de trabalho, regulação das atribuições e competências de cada membro, hierarquização das funções, ordenação das relações das funções, ordenação das relações interpessoais, estrutura independente dos indivíduos concretos.

A escola enquanto estrutura organizacional tem capacidade de elaboração de projectos e planos de acção em função das suas necessidades e fragilidades, bem como ao desenvolvimento de estratégias com vista a enfrentar a situação de violência, de criar, reformular e adaptar as regras escolares para sua população e, todavia procurar identificar as mudanças que se produzem e que se apresentam como obstáculo, (Sebastião-org, 2010).

1.16. Processo de ensino-aprendizagem

Para Libânio (1994, p.23), o ensino constitui um conjunto de acções, meios e condições para realizar a instrução. Procura estimular, orientar, motivar, o processo de aprendizagem do aluno, ou seja, é através do ensino que se materializa o processo educativo, que acontece na escola, refere

Segundo Tavares e Alarcão (2005, pp.86-88), o ensino se apoia na proposta de tarefas, assim como a aprendizagem na realização de actividades, isto é, tanto o ensino como a aprendizagem se apoiam nas acções que de maneira mútua e recíproca, realizam tanto os estudantes quanto os seus professores. Porque o que se ensina se baseia no que se propõe a fazer e o que se aprende se baseia no que se faz.

Por aprendizagem, entende-se como construção pessoal, resultante de um processo experiencial, interior à pessoa e que se traduz numa modificação de comportamento relativamente estável, (Tavares e Alarcão, 2005, p. 86).

Segundo Pinto et al. (1999), o papel do professor tem uma importância inegável já que os professores fazem muito mais que ensinar o aluno uma série de coisas no campo intelectual ou social, uma vez que a sua própria conduta e a forma como estão organizadas as actividades na escola estão a influenciar e a determinar a conduta do aluno.

Para Estrela (1994, p.33), o processo de ensino-aprendizagem é condicionado, pelo saber, relação pedagógica, pelas diferentes ligações dos intervenientes (professores e alunos) mantêm com o saber, de forma a criar condições para a transmissão e a consequente aquisição do saber. Pela mediação do saber, estabelece-se o contacto entre aquele que detém o saber e recebeu a delegação social para transmitir e aquele que deve adquiri-lo.

O processo de ensino-aprendizagem se caracteriza pela combinação de actividades do professor e dos alunos. Uma relação recíproca é necessária entre a actividade do professor que ensina e actividade de estudo dos alunos que aprendem.

Libâneo (2001, p. 27), refere que, as relações entre professores e alunos, as formas de comunicação, os aspectos afectivos e emocionais, as dinâmicas das manifestações na sala de aulas fazem parte das condições organizativas do trabalho docente.

A unidade de ensino-aprendizagem se concretiza na interligação de dois momentos indissociáveis: transmissão-assimilação activa de conhecimento e habilidades, dentro de condições específicas de cada situação didáctica.

Segundo Libâneo (2001, p.77), já citado ressalta, por outro lado, dois aspectos da interacção entre professor e aluno no trabalho docente:

a) O aspecto cognitivo, diz respeito a forma de comunicação dos conteúdos escolares e as tarefas escolares indicadas aos alunos;

b) O sócio-emocional, correspondente às relações pessoais entre professor-aluno e as normas disciplinares indispensáveis ao trabalho docente.

Aqui, compreende-se que, o processo ensino-aprendizagem ou relação educativa é o conjunto de relações sociais que se estabelecem entre o educador (professor) e o educando (aluno). Esta relação determina os estatutos e papéis dos intervenientes na relação pedagógica, bem como determina o tipo de interacções, comunicações, expectativas e comportamentos desenvolvidos por eles.

CAPÍTULO II. METODOLOGIA DE PESQUISA

Neste capítulo apresenta os tipos de pesquisa, modelo de abordagem, níveis de estruturação de métodos, técnica de recolha de dados, instrumentos de recolha de dados, população e amostra utilizada no trabalho.

2.1. Tipo de pesquisa

Para esta investigação aplicou-se a pesquisa descritiva.

Segundo Gil (2002, p. 42), a pesquisa descritiva tem como objectivo primordial a descrição das características de determinadas populações, fenómenos ou então o estabelecimento de relação entre variáveis. Assim, para clarear a investigação utilizou-se a pesquisa descritiva.

Na visão de Zanella (2013, p. 24), afirma que, pesquisa descritiva procura conhecer a realidade estudada, suas características e seus problemas. Pretende descrever com exactidão os factos e fenómenos de determinadas realidades.

Descritiva, porque segundo Zassala (2017, p. 42), procura determinar a natureza e grau de condições existentes. Tem como único propósito descrever condições existentes. De acordo com os objectivos traçados, na pesquisa descritiva podem ser empregues diversas abordagens, neste contexto, o estudo de caso.

2.2. Modelo de Abordagem

Para este estudo se optou pelo paradigma de investigação quantitativa, no sentido de compreender os fenómenos já existentes. Onde se explora um sistema delimitado contemporâneo da vida real. Decorre por meio da colecta dos dados detalhados em profundidade e quantidade; envolvendo múltiplas fontes de informação.

Segundo Fonseca (2002, p. 20), tem como foco a objectividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenómeno, as relações entre variáveis, etc.

A pesquisa quantitativa corresponde a um estudo baseado na produção de dados quantificáveis de modo objectivo. (Alvarenga, 2014, p. 53).

A abordagem quantitativa “é aquela em que os dados são quantificáveis, traduzindo em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las, requer o uso de técnicas estatísticas (percentagem, média, moda, mediana, desvio padrão, coeficiente, análise padrão”. (Silva e Menezes, 2005, p. 20).

2.3. Níveis de estruturação de métodos

Os métodos são conjuntos de abordagens técnicas e processos para formular e resolver problemas na aquisição objectiva do conhecimento.

Para Marconi e Lakatos (2003, p. 5), método é o conjunto de actividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objectivo, que é o conhecimento válido e verdadeiro traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do pesquisador.

Na visão de Amândio, e Lemus, (2018, p. 29), por método também pode-se entender como o princípio unificador da teoria e da prática, adquirindo o carácter científico quando reflecte as leis objectivas, as particularidades do objecto de investigação, as leis do seu desenvolvimento e a essência do objecto sendo visto como as fases ou passos da investigação.

Método científico é o processo de aquisição de conhecimentos definidos pela utilização de recolhas de dados, de classificação, análise e interpretação dos resultados.

Reflectindo nos objectivos formulados para a realização da presente investigação, entendeu-se por conveniente combinar os seguintes métodos abaixo mencionados:

a) Nível teórico

Histórico-lógico: Permitiu a compreensão das regularidades do objecto de estudo através da sua evolução histórica, determinando assim, as tendências de mudança, perspectivando deste modo as acções do presente para um futuro cada vez mais melhor.

Pesquisa bibliográfica: Foi considerado como suporte para as etapas da investigação, ajudando na identificação do problema científico, definição dos objectivos e na elaboração do marco teórico.

Indutivo-dedutivo: Os procedimentos de indução-dedução foram utilizados durante a pesquisa na tendência de formulação das conclusões gerais partindo das particularidades do objecto de estudo. E de forma inversa, também foram desenvolvidas análises de todo objecto de estudo, permitindo chegar-se às conclusões particulares.

Analítico-Sintético: Permitiu a realização das diferentes análises ao longo de todo processo desde a identificação do Problema Científico até às conclusões, com maior destaque ao conjunto de documentos que regulam o processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

b) Nível empírico

Para Collera, (2017, p.45), o método empírico possibilita ao investigador colher os dados necessários para verificar as hipóteses. O uso destes métodos permitiu a comprovação prática do problema de estudo, dentro destes métodos temos a observação, entrevista e questionário, etc.

c) Nível estatístico

Os métodos estatísticos servem para o tratamento numérico da informação recolhida, podendo incidir na conclusão sobre o estudo. Foi utilizada no trabalho a estatística descritiva, através da qual os dados são apresentados e analisados do ponto de vista percentual

2.4. Técnicas de recolha de dados

Questionário por questionário

O método de investigação segundo o qual os dados são obtidos junto de uma amostra representativa, a partir de questionários estruturados preenchidos no momento de uma entrevista, pela própria pessoa. (Alvarenga, 2014, p.54).

No método empírico, optamos pelo uso de duas técnicas de investigação, nomeadamente, o inquérito por questionário e a consulta documental:

a) o inquérito por questionário que como objectivo, levantar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, tendo em vista sua generalização. A linguagem utilizada no questionário deve ser simples e directa, para que quem vá responder compreenda com clareza o que está sendo perguntado, afirmam (Ghiglione e Matalon, 2001).

b) Para consulta documental, foi necessário visitar a área administrativa da instituição de estudo, revisando os decretos, mapas e outros documentos relacionados com a temática.

Esta técnica possibilitou-nos a colher informações sobre as consequências psicológicas do bullying entre adolescentes no processo de ensino-aprendizagem.

2.5. Instrumentos de recolha de dados

Para a realização da pesquisa em referência elaborou-se, o guião de questionário.

O questionário como instrumento de recolha de dados, foi dirigido a um determinado número de indivíduo, com o objectivo de generalizar (Ghiglione e Matalon, 2001, p. 7).

Antes de tudo, o pesquisador deste estudo realizou uma visita de campo, dirigida junto da direcção do Colégio de estudo, conforme relata Burgess (2001): “realizar uma investigação num contexto social numa instituição, requer a autorização do director”. Só com a autorização do director da escola, mediante a credencial emitida pela Instituto Superior de Angola, foi possível realizar esta investigação.

A primeira parte foi destinada à obtenção de alguns elementos que nos permitiram ter uma visão antecipada sobre a realização de assunto de estudo no seio dos adolescentes no Colégio Dr. António Agostinho Neto, Mbanza Kongo, província do Zaire, no ano lectivo 2022/2023. Em relação aos objectivos preconizados no trabalho, o pesquisador desse trabalho realizou conversas informais com alguns interlocutores (sobretudo alunos), com vista a obter informações relevantes para a pesquisa.

Aqui, a preocupação dominante foi ir junto dos adolescentes, falar com eles, lá no Colégio, para compreender com maior profundidade as dinâmicas em que estão envolvidos sobre o que pode afectar psicologicamente e não os alunos/adolescentes no processo ensino-aprendizagem no espaço escolar. A segunda parte foi destinada a acesso ao campo de pesquisa, com vista a inquerir os adolescentes do Colégio Dr. António Agostinho Neto, Mbanza Kongo, província do Zaire.

2.6. População e amostra

2.6.1. População

População é o conjunto ou a totalidade de pessoas, objectos e coisas cujas características comuns coincidem, ou o conjunto de todos os sujeitos ou elementos de um grupo bem definido tendo em comum uma ou várias características semelhantes e sobre o qual assenta a investigação, (Gil, 2002).

No estudo, considera-se uma população total de (208) indivíduos considerados em duas categorias, nomeadamente: a categoria de professores com a população de 73 e a categoria de alunos com 135. Apresenta-se a baixo o quadro síntese da população e amostra do estudo.

2.6.2. Amostra

No trabalho, atendendo aos critérios de amostragens existentes, utilizou-se o tipo de amostragem aleatória simples. Como refere (Gil, 2002, p. 121) “a amostragem aleatória simples, também conhecida casual, randômica, accidental, etc. consiste basicamente em atribuir a cada elemento do universo um número único para depois seleccionar esse número de forma casual”.

Este tipo de amostra consiste em permitir maior possibilidade de participação na pesquisa a todo o universo populacional a se considerar no estudo. Aqui, os participantes da amostra não são seleccionados por conveniência do pesquisador. Assim, tomou-se amostragem de: 24 professores e 90 alunos, perfazendo o total de (114) indivíduos.

2.6.3. Tabela síntese da população e amostra

Nº	Categorias	População	Amostra	
		Quantidade	%	
1	Professores	73	24	33
2	Alunos	135	90	67
3	Total	208	114	100

Fonte: Elaboração própria

2.7. Caracterização do Colégio Dr. António Agostinho Neto

2.7.1. Breve histórica

O Colégio localiza-se na zona urbana da cidade de Mbanza Kongo, na rua Ntambadiya, no bairro Sagrada Esperança, zona nº 1.

As obras desta escola foram erguidas na era colonial como uma instituição pública, com capacidade de seis (6) salas de aulas no período entre 1969 e 1971. Neste último ano, provavelmente entra em funcionamento com a denominação de “Escola do Ensino Preparatório Dom Manuel Nunes Gabriel”, por onde funcionou nesta época o I e II Ano de Liceu.

A julgar pela demanda, a escola sofreu uma ampliação, no ano seguinte tendo sido aumentado mais um apartamento de quatro (4) salas de aulas passando a servir para o III, IV e V Anos de Liceu Preparatório.

No ano lectivo de 1975/1976 criou-se o IV Ano na referida escola, passando a ser designado por “Liceu Normal Salvador Correia”.

Depois da proclamação da independência de Angola, já no ano lectivo de 1978/1979, a mesma escola recebeu a denominação de “Escola do II e III Níveis Dr. António Agostinho Neto”: o II Nível era constituído por 5ª e 6ª Classes, enquanto as 7ª e 8ª classes formavam o III Nível.

Com a Reforma Educativa, passou a ser chamada “Escola do I Ciclo do Ensino Secundário Dr. António Agostinho Neto”, compreendendo a 7ª, 8ª e 9ª classes.

A partir do ano lectivo de 2017, de acordo com as novas nomenclaturas, passou a designar-se por “Colégio Dr. António Agostinho Neto”, com a recriação do colégio no Decreto nº 2217/21, de 25 de Novembro.

A missão, visão e objectivo da Escola: até ao cabo dos três anos de frequências neste nível de ensino, os alunos possam consolidar, aprofundar e ampliar os conhecimentos, e reforçar as suas capacidades.

2.7.2. Tipologia das instalações

O edifício deste Colégio é uma infra-estrutura do Estado, tem uma parte de construção definitiva (com dez salas de aulas) e outra parte de construção precária (com quinze salas de aulas). Conta com vinte e cinco salas de aulas, casas de banho (para alunos, para professores e para directores), três gabinetes.

2.7.3. Recursos humanos

O corpo docente no ano de 2022-2023 foi composto por 89 professores, dos quais 73 são do sexo masculino e 16 do sexo feminino. Dos 89 professores, 30 são médios que correspondem a 34%, 9 bacharéis correspondentes a 10% e 50 licenciados que correspondem a 56%. No caso particular deste Colégio, a questão do género apresenta uma pirâmide em relação ao contexto geral das instituições laborais, visto que a massa masculina está em maioria (82%) enquanto a feminina a minoria (18%), de acordo com a tabela 5.

Tabela – 1. Pessoal docente referente ao nível académico

Pessoal docente						
Nível Académico	Sexo					
	Masc	%	Fem	%	Total	%
Médio	26	29	4	5	30	34
Bacharelato	7	8	2	2	9	10
Licenciatura	40	45	10	11	50	56
Total	73	82	16	18	89	100

Fonte: Direcção do Colégio Dr. António Agostinho Neto 2023

Tendo em conta que os técnicos superiores rondam os 66% leva-nos a deduzir que o Colégio Dr. António Agostinho Neto, tem um corpo docente cientificamente preparado, esperando assim dele um ensino/aprendizagem de qualidade, conforme legenda a tabela 5.

Tabela – 2. Pessoal administrativo

Pessoal administrativo e docente			
Função / Cargo	Sexo		
	Masc.	Femin.	Total
Director	1	0	1
Subdirector Pedagógico	1	0	1
Secretaria	1	0	1
Professores	73	16	89
Operário	1	0	1
Empregadas de limpeza	0	5	5
Total	77	21	98

Fonte: Direcção do Colégio Dr. António Agostinho Neto 2023

Relativamente ao corpo discente, no ano lectivo de 2022-2023, o Colégio Dr. António Agostinho Neto contou com 2.540 alunos, distribuídos em 56 turmas. Isto é, 903 alunos formam 20 turmas de 7^a classe, 827 alunos constituídos por 18 turmas de 8^a classe e 810 alunos formados por 18 turmas de 9^a classe. Dos 2.540 alunos, são 1.318 alunos do sexo masculino e 1.222 do sexo feminino.

Importa referir que, os alunos que frequentam este Colégio são provenientes maioritariamente de bairros Sagrada Esperança, Álvaro Buta, Martins Kiditu, Madungu, Kazanga, Kianganga.

Tabela – 3. Número de turmas e alunos matriculados Ano lectivo de 2022-2023

Classe	Nº de turmas	Nº de alunos		
		M	F	Total
7 ^a	20	499	404	903
8 ^a	18	427	400	827
9 ^a	18	392	418	810
Total	56	1.318	1.222	2.540

Fonte: Direcção do Colégio Dr. António Agostinho Neto 2023

2.7.4. Organização e funcionamento

A escola funciona com o subsistema de ensino geral e o de Adultos, conta com 25 turmas que funcionam em três turnos, a saber: matinal, vespertino e nocturno.

O período matinal tem início às 7h30' e termina às 12h15' equivalente a 6 horas. O Colégio funciona com dezassete (17) turmas da 7^a e da 9^a classe com 15

disciplinas. Ao passo que o período vespertino as aulas começam as 12h30' e terminam as 17h10', correspondente a 6 horas. O Colégio funciona com 13 disciplinas, na 8ª e 9ª Classes. Por fim, O período nocturno tem início as 17h30' e termina as 21h30', equivalente a 5 horas e tem 15 disciplinas.

As disciplinas do plano curriculares ministrados são elas: a Língua portuguesa, Língua estrangeira, Matemática, Física, História, Geografia, Química, Biologia, Educação Moral e Cívica, Educação Laboral, Educação Visual e Plástica, Educação Física e Empreendedorismo.

A tutela, tipologia e funcionamento desta escola encontram-se legendados na tabela seguinte.

Tabela – 4. Dados sobre o Colégio Dr. António Agostinho Neto

Nome da escola: Colégio Dr. António Agostinho Neto	
Província: Zaire	Regime de ensino: Público
Município: Mbanza Kongo	Tipo de ensino: Geral e Adultos
Bairro: Sagrada Esperança	Nº de turnos na escola: 3
Zona: Nº 1	Nº de turmas: 56
Rua: Ntambadiya	Última classe ensinada: 9ª
Ano lectivo: 2022-2023	Nº de horas por turno: 6
Tipo de construção:	Definitivo: 10 salas
	Precário: 15 salas

Fonte: Direcção do Colégio Dr. António Agostinho Neto 2023

2.9. Dificuldades encontradas

Na elaboração da monografia encontrou-se as seguintes dificuldades:

- ✓ Difícil na recepção dos inquéritos por parte de alguns professores;
- ✓ Difícil a recepção do expediente na data anunciada pela direcção do Colégio;
- ✓ Notou-se a dificuldade por parte dos alunos para proceder à escolha do conceito do bullying nas questões seleccionadas;
- ✓ Dificuldades financeiras;
- ✓ Dificuldades de meios informáticos;
- ✓ Difícil acesso as bibliografias.

CAPÍTULO III. DISCUSSÃO E RESULTADOS

3.1. Análise, apresentação e interpretação dos inquérito por questionário aplicado aos alunos

Tendo em conta os objectivos traçados, a abordagem inclui a apresentação e a interpretação dos resultados obtidos durante a investigação. Deste modo, os resultados legendam-se da seguinte maneira:

3.1.1. Variáveis socio-demográficas

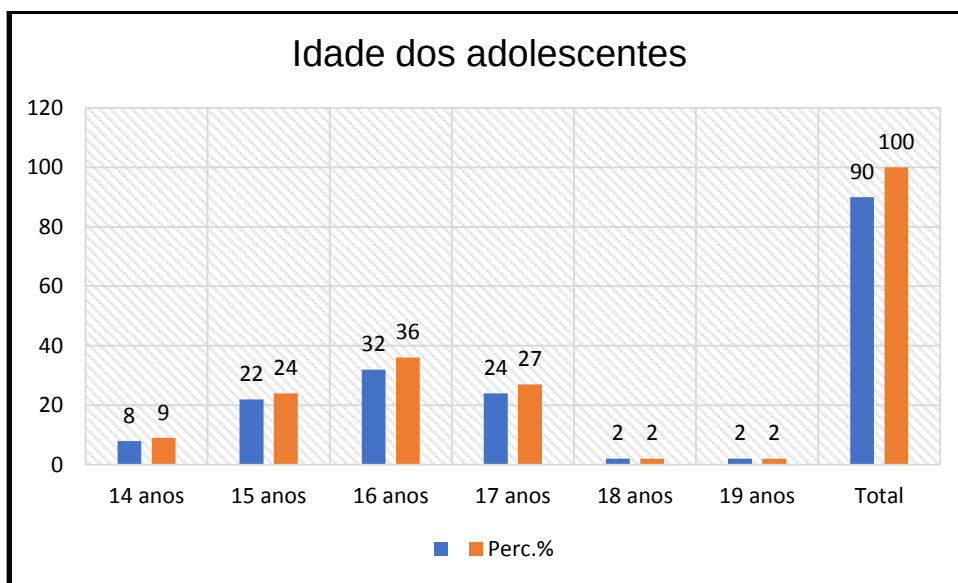
3.1.1.1. Idade e sexo

Tabela 5 – Idade dos adolescentes

Idade		Perc.%
14 anos	08	9
15 anos	22	24
16 anos	32	36
17 anos	24	27
18 anos	02	2
19 anos	02	2
Total	90	100

Fonte: Elaboração própria 2023

Gráfico 1 – Idade dos adolescentes



Fonte: Elaboração própria 2023

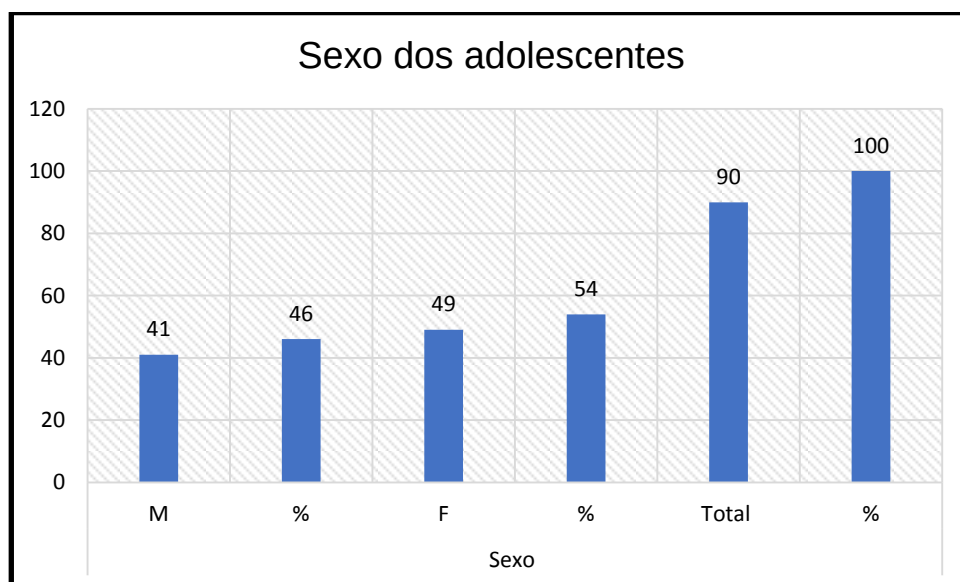
De acordo com as tabelas 5 (acima), e o gráfico 1 (abaixo), os 8 sujeitos inquiridos com 14 anos de idade correspondem a 9%; os sujeitos inquiridos que têm

15 anos de idade são 22, representam 24%; 32 sujeitos inquiridos têm 16 anos de idade correspondentes a 36%; os que têm 17 anos de idade são 24 sujeitos representando 27%; os inquiridos que têm 18 e 19 anos de idade são 2 sujeitos a cada subgrupo, correspondentes a 2%, respectivamente. Assim, os adolescentes inquiridos na sua maioria apresentam uma idade entre 15 e 17 anos.

Tabela 6 – Sexo dos adolescentes

Sexo					
M	%	F	%	Total	%
41	46	49	54	90	100

Gráfico 2 – Sexo dos adolescentes



Fonte: Elaboração própria 2023

De acordo com a tabela 6 (acima) e o gráfico 2 (abaixo), são 41 sujeitos inquiridos de sexo masculino correspondentes a 46% e 54 sujeitos inquiridos de sexo feminino representam 54 %.

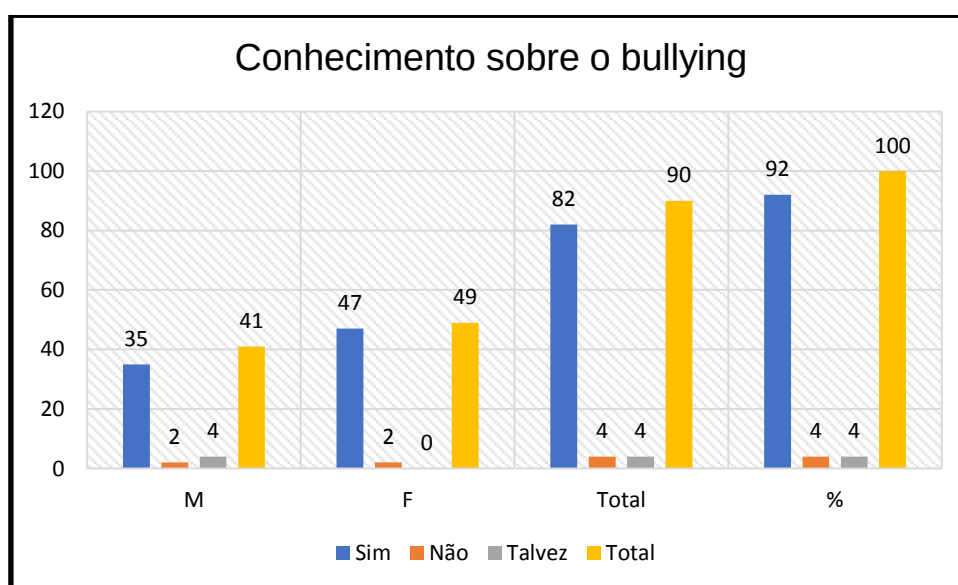
Deste modo, os adolescentes inquiridos de sexo feminino são sujeitos majoritariamente representados na nossa amostra

3.1.2. Já ouviste falar de bullying no meio escolar?

Tabela 7 – Conhecimento do bullying

Já ouviste falar de bullying no meio escolar?				
Respostas	M	F	Total	%
Sim	35	47	82	92
Não	2	2	4	4
Talvez	4	0	4	4
Total	41	49	90	100

Gráfico 3 – Conhecimento sobre o bullying



Fonte: Elaboração própria 2023

Relativamente à variável “ouvir falar de bullying”, na tabela 7 (acima) e no gráfico 3 (abaixo), os sujeitos inquiridos têm um total de 90 adolescentes, dos quais 82 deles responderam “sim” correspondentes a 92%; 4 sujeitos responderam “não” correspondentes a 4%; e, de igual modo, 4 sujeitos inquiridos correspondentes a 4% responderam “talvez”.

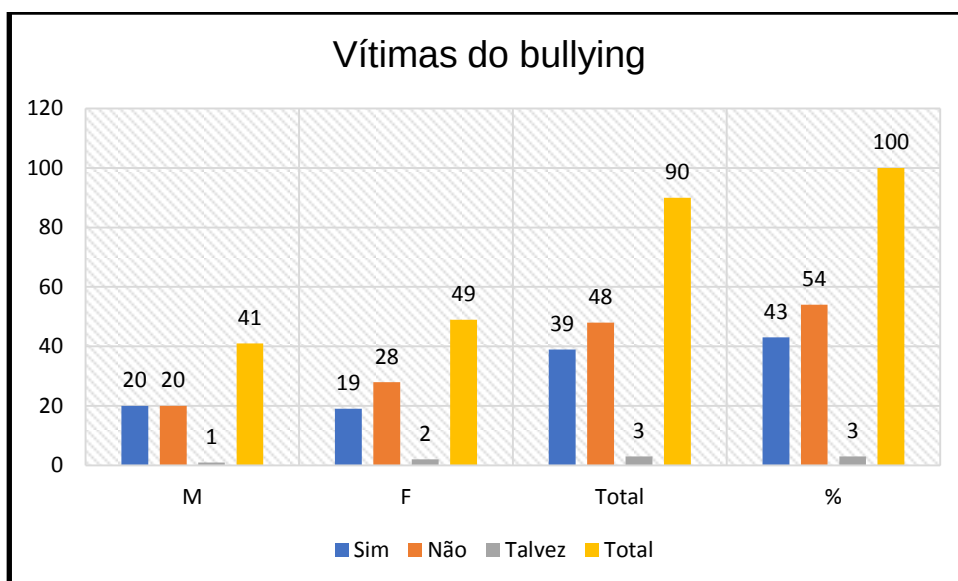
Nota-se que, a maioria dos adolescentes inquiridos já têm ouvido falar do fenómeno bullying no meio escolar.

3.1.3. Já sofreste de bullying na escola?

Tabela 8 – Vítimas do bullying

Já sofreste de bullying na escola?				
Respostas	M	F	Total	%
Sim	20	19	39	43
Não	20	28	48	54
Talvez	1	2	3	3
Total	41	49	90	100

Gráfico 4 – Vítimas do bullying



Fonte: Elaboração própria 2023

Quanto à variável “vítima do bullying (1)”, a tabela 8 e o gráfico 4 (ambos acima) legendam os dados seguintes: as respostas “sim” são provenientes de 39 sujeitos inquiridos correspondentes a 43%; a resposta “não” dos 48 sujeitos inquiridos correspondentes a 54%; e, finalmente, 3 sujeitos inquiridos responderam “talvez” que correspondem a 3%.

Isto quer dizer que, os que não foram vítimas são maioritários, a seguir os que já foram vítima, e no fim os adolescentes que talvez sofreram do fenómeno bullying no meio escolar.

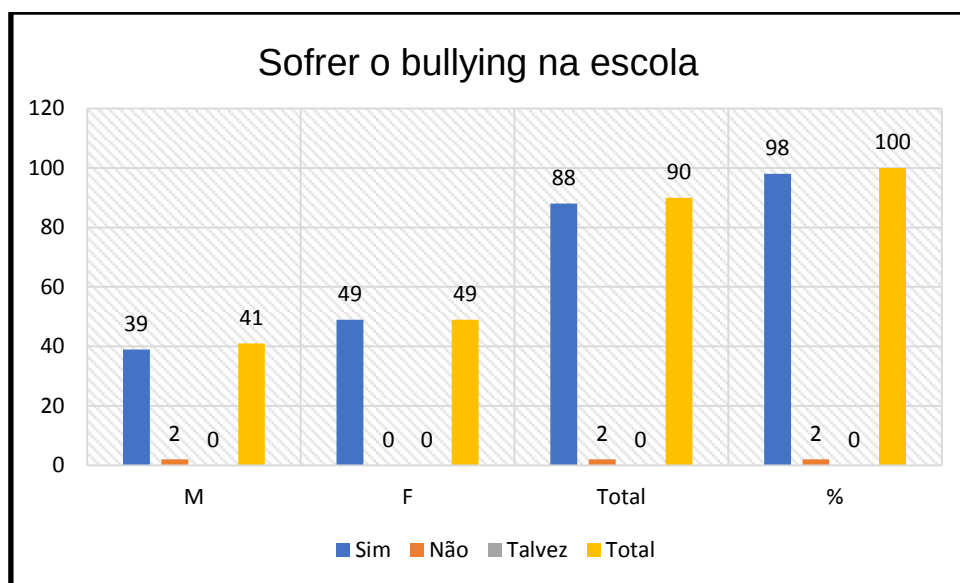
O bullying é um conjunto de comportamentos agressivos de intimidação com características comuns, entre as quais se identificam várias estratégias de intimidação do outro que resultam em práticas violentas, exercidas por um indivíduo ou por pequenos grupos, com carácter regular e frequente (Pereira, 1997).

3.1.4. Um dos teus colegas já sofreu bullying na escola?

Tabela 9 – Sofrer o bullying na escola

Um dos teus colegas já sofreu bullying na escola?				
Respostas	M	F	Total	%
Sim	39	49	88	98
Não	2	0	2	2
Talvez	0	0	0	0
Total	41	49	90	100

Gráfico 5 – Sofrer o bullying na escola



Fonte: Elaboração própria 2023

No que diz respeito à variável “vítima do bullying (2)”, a tabela 9 e o gráfico 5 (ambos acima) demonstram as seguintes informações: a resposta “sim” dos 88 sujeitos inquiridos correspondentes a 98%; a resposta “não” provenientes dos 2 sujeitos inquiridos correspondentes a 2%; e, por fim, ninguém dos sujeitos inquiridos respondeu “talvez” que correspondem a 0%.

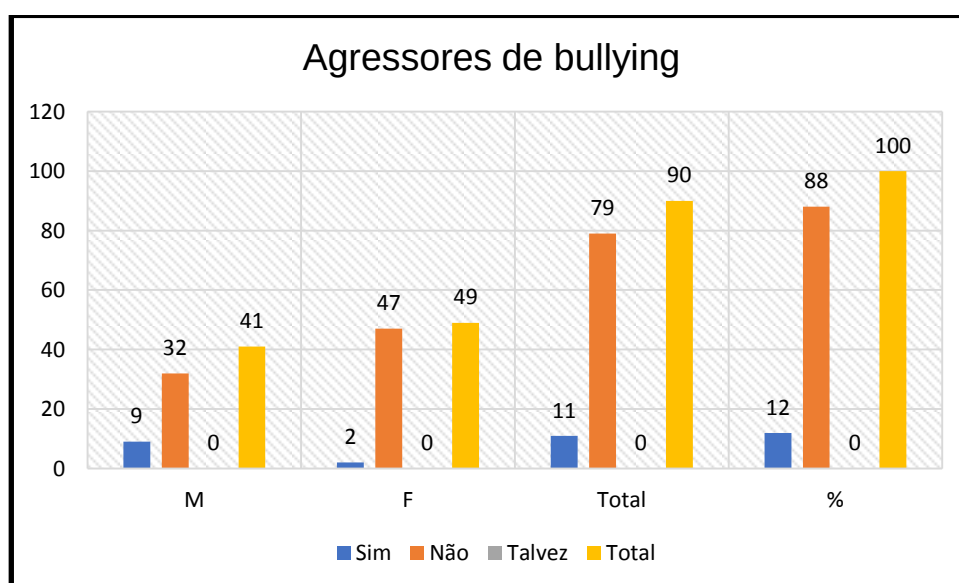
Isto quer dizer que, quase todos os sujeitos inquiridos responderam “sim” por serem os seus colegas vítimas do bullying na escola.

3.1.4. Já agrediste um colega na escola?

Tabela 10 – Agressores de bullying

Já agrediste um colega na escola?				
Respostas	M	F	Total	%
Sim	9	2	11	12
Não	32	47	79	88
Talvez	0	0	0	0
Total	41	49	90	100

Gráfico 6 – Agressores de bullying



Fonte: Elaboração própria 2023

No concernente a variável “agressor (1)”, a tabela 10 e o gráfico 6 (ambos acima) demonstram os seguintes dados: 11 sujeitos inquiridos responderam “sim” correspondentes a 12%; 79 sujeitos inquiridos com resposta “não” correspondem a 88%; e ninguém dos sujeitos inquiridos respondeu “talvez” que correspondem a 0%.

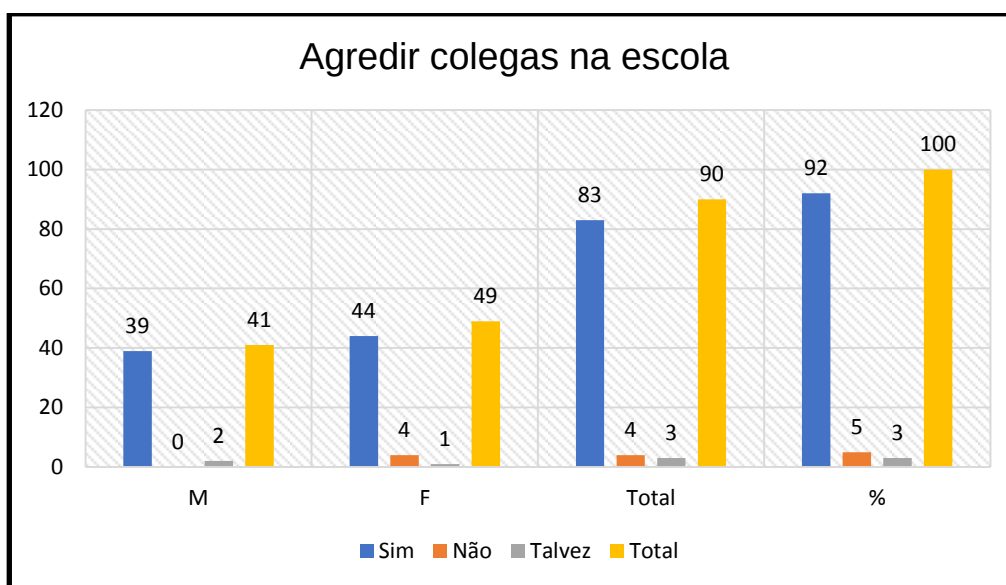
Assim, dos sujeitos inquiridos a sua maioria nega ter agredido um colega na escola.

3.1.5. Um dos teus colegas já agrediu outro colega na escola?

Tabela 11 – Agredir colegas na escola

Um dos teus colegas já agrediu outro colega na escola?				
Respostas	M	F	Total	%
Sim	39	44	83	92
Não	0	4	4	5
Talvez	2	1	3	3
Total	41	49	90	100

Gráfico 7 – Agredir colegas na escola



Fonte: Elaboração própria 2023

Quanto à variável “agressor (2)”, a tabela 11 e o gráfico 7 (ambos acima) demonstram as seguintes informações: as respostas “sim” são provenientes de 83 sujeitos inquiridos correspondentes a 92%; a resposta “não” dos 4 sujeitos inquiridos correspondentes a 5%; e, finalmente, 3 sujeitos inquiridos responderam “talvez” que correspondem a 3%.

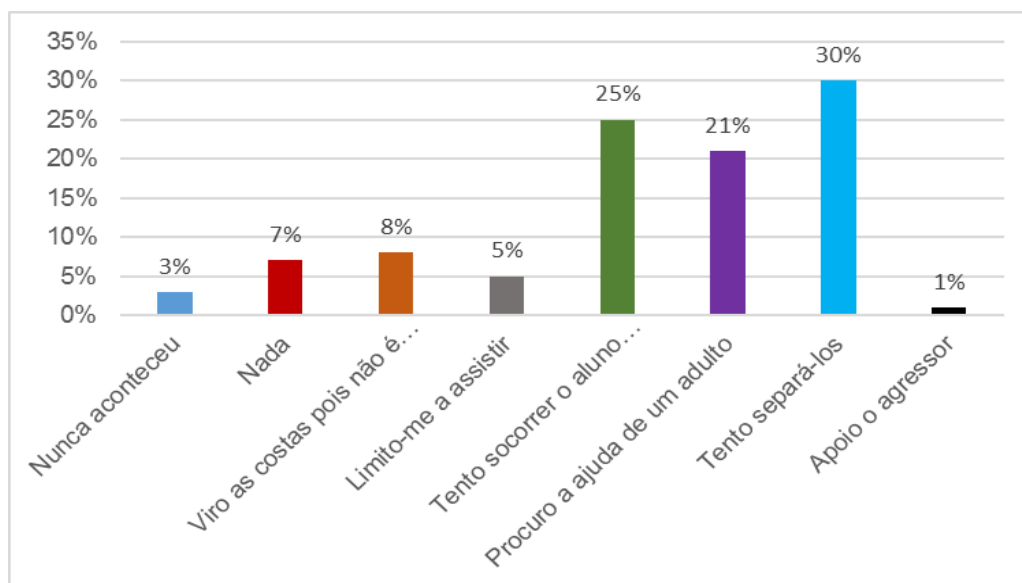
Isto quer dizer que, cada um dos colegas dos sujeitos inquiridos já agrediu um colega na escola.

3.1.6. Quando vês um(a) aluno(a) a bater ou a magoar outro(a), o que é que costumás fazer?

Tabela 12 – Observadores de bullying

Quando vês um(a) aluno(a) a bater ou a magoar outro(a), o que é que costumás fazer?				
Respostas	M	F	Total	%
Nunca aconteceu	0	3	3	3
Nada	2	5	7	7
Viro as costas pois não é nada comigo	2	3	8	8
Limito-me a assistir	2	3	5	5
Tento socorrer o aluno agredido	10	13	23	25
Procuro a ajuda de um adulto	8	11	19	21
Tento separá-los	17	10	27	30
Apoio o agressor	0	1	1	1
Total	41	49	90	100

Gráfico 8 – Observadores de bullying



Fonte: Elaboração própria 2023

Como se pode verificar na tabela 12 e gráfico 8 (ambos acima), em relação a “um(a) aluno(a) que vê o seu colega a bater ou a magoar outro(a), o que ele costuma fazer”, as respostas seleccionadas do questionário (não cumprindo qualquer ordem cronológica), demonstram o seguinte: “nunca aconteceu” oriundo dos 3 sujeitos, representando 3%; “nada” respondido por 7 sujeitos, correspondendo 7%; “viro as costas pois não é nada comigo”, uma resposta de 8 sujeitos que representa

8%; “limito-me a assistir” oriundo dos 5 sujeitos, representando 5%; “tento socorrer o aluno agredido” respondido por 23 sujeitos, correspondendo 25%; “procuro a ajuda de um adulto”, uma resposta de 19 sujeitos que representa 21%; “tento separá-los”, uma resposta de 27 sujeitos que corresponde 30%; e por fim, “apoio o agressor” respondido por 1 sujeito, representando 1%.

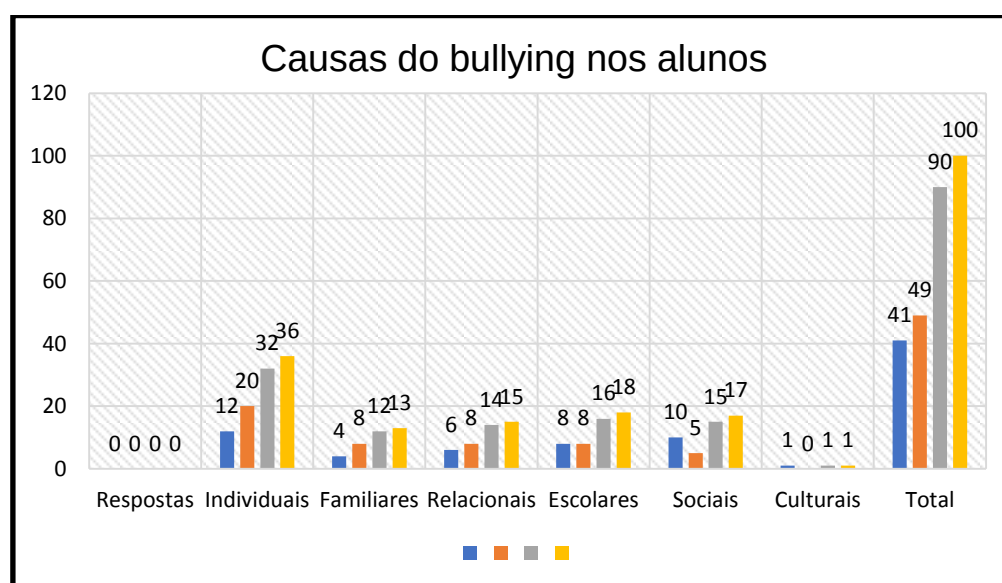
Assim, o nosso olhar afixa-se a três respostas destacadas pelos inquiridos, que são: em primeiro lugar, tentar separá-los; a seguir, tentar socorrer o aluno agredido, e por fim, procurar a ajuda de um adulto.

3.1.7. Quais são as causas do bullying nos alunos?

Tabela 13 – Causas do bullying nos alunos

Quais são as causas do bullying nos alunos?				
Respostas	M	F	Total	%
Individuais	12	20	32	36
Familiares	4	8	12	13
Relacionais	6	8	14	15
Escolares	8	8	16	18
Sociais	10	5	15	17
Culturais	1	0	1	1
Total	41	49	90	100

Gráfico 9 – Causas do bullying nos alunos



Fonte: Elaboração própria 2023

Os adolescentes inquiridos se mostram um nível variado de causas do bullying como fenómeno que ocorre no meio escolar representando 36% para as

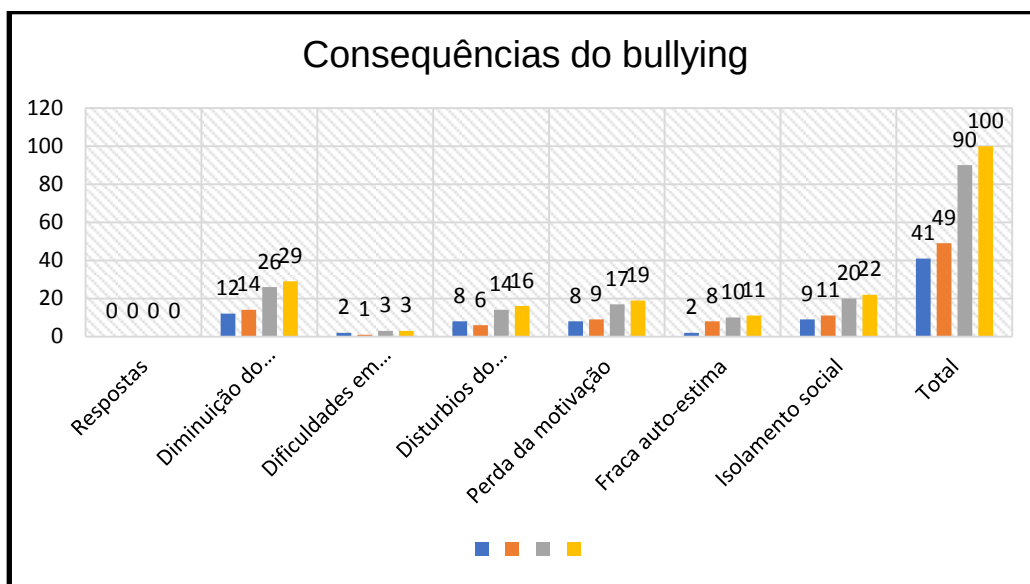
causas individuais; 18% as causas escolares; 17% para as causas sociais; 15% as causas relacionais; 13% para as causas familiares; e 1% para as causas culturais, de acordo com a tabela 13 e o gráfico 9 (ambos a cima). Contudo, as causas individuais são mais apontadas pelos sujeitos inquiridos.

3.1.8. Quais são as consequências do bullying na vida dos alunos?

Tabela 14 – Consequências do bullying

Quais são as consequências do bullying na vida dos alunos?				
Respostas	M	F	Total	%
Diminuição do rendimento escolar	12	14	26	29
Dificuldades em adormecer	2	1	3	3
Distúrbios do comportamento	8	6	14	16
Perda da motivação	8	9	17	19
Fraca auto-estima	2	8	10	11
Isolamento social	9	11	20	22
Total	41	49	90	100

Gráfico 10 – Consequências do bullying



Fonte: Elaboração própria 2023

Nesse leque das consequências do bullying na vida dos alunos, dos adolescentes inquiridos, os que apontaram “diminuição do rendimento escolar” são 26 sujeitos que representam 29%; os que responderam “dificuldades em adormecer” são 3 sujeitos correspondentes 3%; a resposta “distúrbios do comportamento” vem dos 14 sujeitos representando 16%; “perda da motivação” foi respondido por 17

sujeitos correspondentes 19%; 11% para “fraca auto-estima”, uma resposta de 10 sujeitos; e os que apontaram “isolamento social” são 20 sujeitos representando 23%.

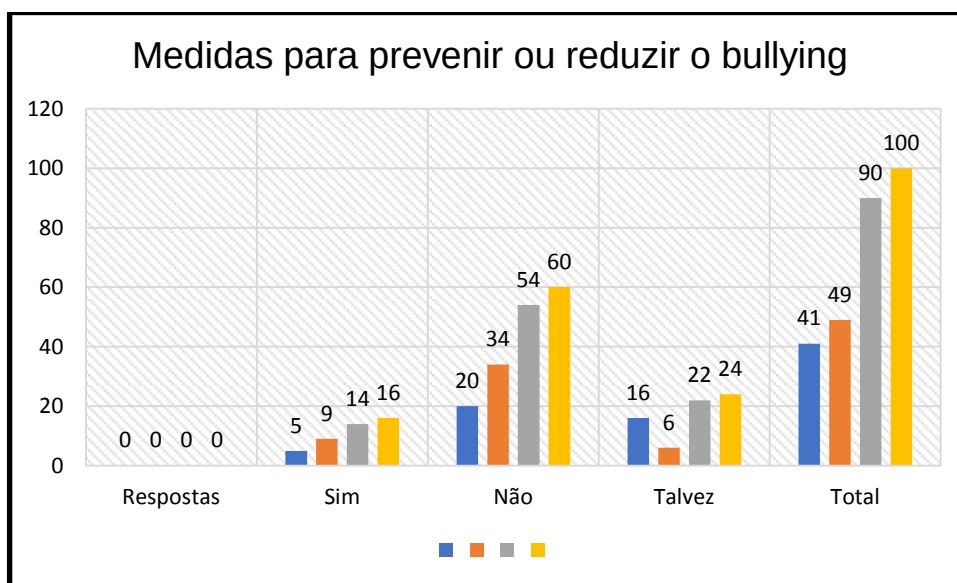
As causas individuais são mais apontadas pelos sujeitos inquiridos. Assim, entendemos que o indivíduo é a unidade chave para evitar comportamentos nefastos no relacionamento entre adolescentes no meio escolar.

3.1.9. Uma vez já sugeriste a direcção adoptar por medidas para prevenir ou para reduzir o bullying?

Tabela 15 – Medidas para prevenir ou reduzir o bullying

Uma vez já sugeriste a direcção adoptar medidas para prevenir ou para reduzir o bullying?				
Respostas	M	F	Total	%
Sim	5	9	14	16
Não	20	34	54	60
Talvez	16	6	22	24
Total	41	49	90	100

Gráfico 11– Medidas para prevenir ou reduzir o bullying



Fonte: Elaboração própria 2023

Quanto à variável “sugestões dos alunos”, a tabela 15 e o gráfico 11 (ambos acima) demonstram as seguintes informações: as respostas “sim” são provenientes de 14 sujeitos inquiridos correspondentes 16%; a resposta “não” dos 54 sujeitos inquiridos correspondentes 60%; e, finalmente, 22 sujeitos inquiridos responderam “talvez” que correspondem 24%.

A escola enquanto estrutura organizacional tem capacidade de elaboração de projectos e planos de acção em função das suas necessidades e fragilidades, bem como ao desenvolvimento de estratégias com vista a enfrentar a situação de violência, de criar, reformular e adaptar as regras escolares para sua população e, todavia procurar identificar as mudanças que se produzem e que se apresentam como obstáculo, (Sebastião-org, 2010).

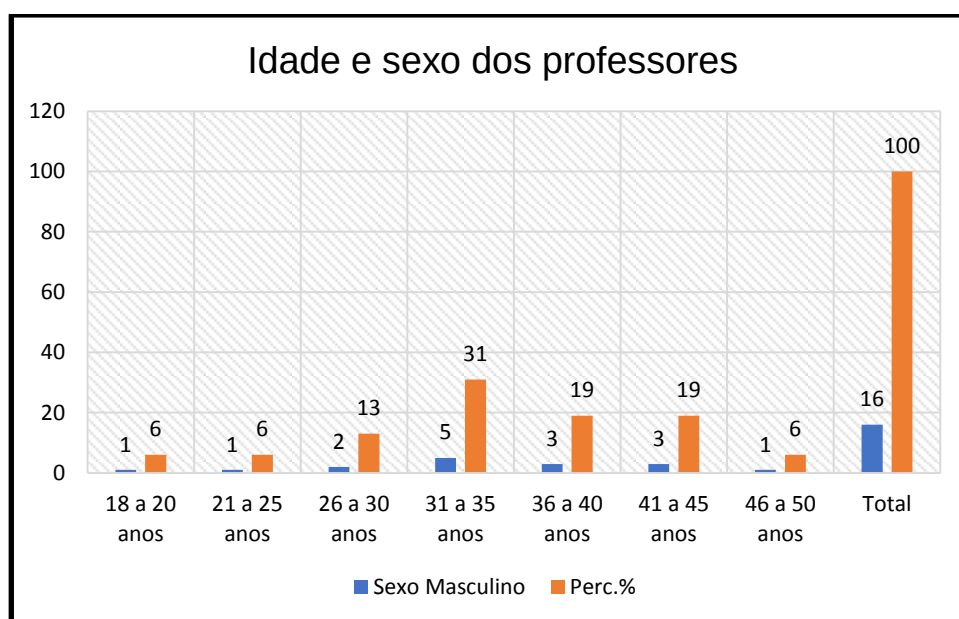
3.2. Análise, apresentação e interpretação dos inquéritos por questionário aplicado aos professores

3.2.1. Variáveis socio-demográficas

Tabela 16 – Idade e sexo dos professores

Idade	Sexo Masculino	Perc.%
18 a 20 anos	1	6
21 a 25 anos	1	6
26 a 30 anos	2	13
31 a 35 anos	5	31
36 a 40 anos	3	19
41 a 45 anos	3	19
46 a 50 anos	1	6
Total	16	100

Gráfico 12 – Idade e sexo dos professores



Fonte: Elaboração própria 2023

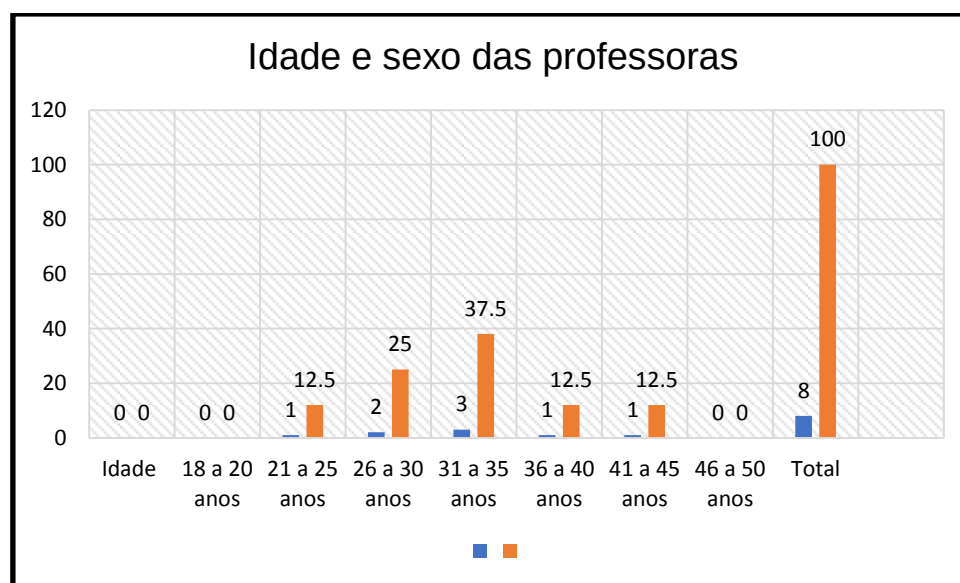
De acordo com a tabela 16 (acima), e o gráfico 12 (abaixo), os 16 indivíduos inquiridos, 1 professor encontra-se na escala dos 18 a 20 anos de idade, correspondem a 6%; 1 professor inquirido está no intervalo de 21 a 25 anos de idade, representa 6%; 2 professores encontram-se no intervalo de 26 a 30 anos de idade, correspondem a 13%; 5 professores encontram-se na escala dos 31 a 35 anos de idade, correspondem a 31%; 3 professores encontram-se no intervalo de 36 a 40 anos de idade, correspondem a 19%; 3 professores encontram-se no intervalo de 41 a 45 anos de idade, correspondem a 19%; 1 professor encontra-se na escala de 46 a 50 anos de idade, corresponde a 6%, assim perfaz o total de 100%.

3.2.2. Variáveis socio-demográficas

Tabela 17 – Idade e sexo das professoras

Idade	Sexo Feminino	Perc.%
18 a 20 anos	0	0
21 a 25 anos	1	12.5
26 a 30 anos	2	25
31 a 35 anos	3	37.5
36 a 40 anos	1	12.5
41 a 45 anos	1	12.5
46 a 50 anos	0	0
Total	8	100

Gráfico 13 – Idade e sexo das professoras



Fonte: Elaboração própria 2023

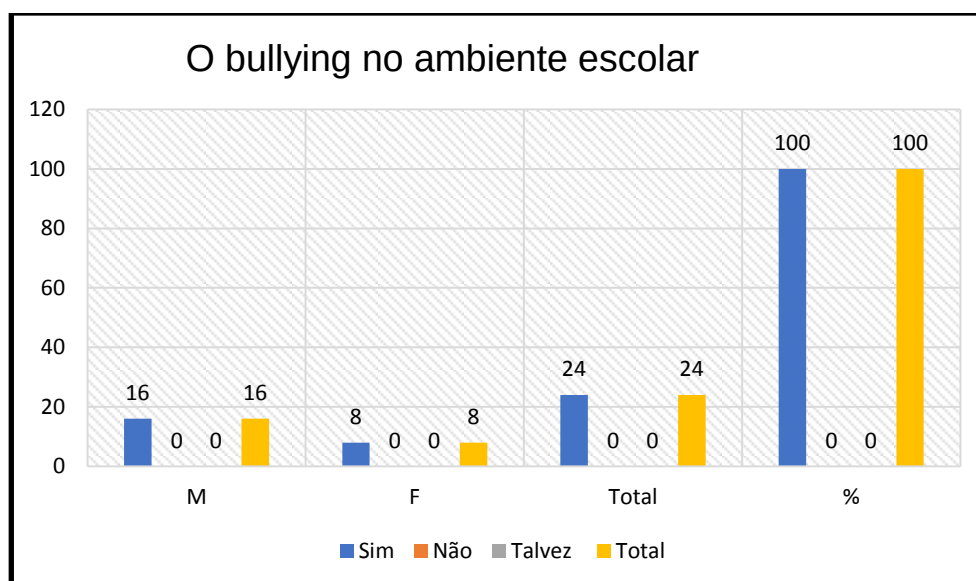
De acordo com a tabela 17 (acima), e o gráfico 13 (abaixo), os 8 indivíduos inquiridos, 1 professora encontra-se na escala dos 21 a 25 anos de idade, corresponde a 12.25%; 2 professoras encontram-se na escala de 26 a 30 anos de idade, correspondem a 25%; 3 professoras encontram-se na escala dos 31 a 35 anos de idade, correspondem a 37.5%; 1 professora encontra-se no intervalo de 36 a 40 anos de idade, corresponde a 12.5%; 1 professora encontra-se no intervalo de 41 a 45 anos de idade, corresponde a 12.5%. Assim, perfaz o total de 100%.

3.2.3. Já ouviste falar de bullying no ambiente escolar?

Tabela 18. O bullying no ambiente escolar

Já ouviste falar de bullying no ambiente escolar?				
Respostas	M	F	Total	%
Sim	16	8	24	100
Não	0	0	0	0
Talvez	0	0	0	0
Total	16	8	24	100

Gráfico 14 – O bullying no ambiente escolar



Fonte: Elaboração própria 2023

Dos professores inquiridos, se “já ouviram falar do bullying”, na tabela 18 (acima) e no gráfico 14 (abaixo), os indivíduos inquiridos têm um total de 24 professores, os 24 foram unânimes na sua resposta dizendo “sim” correspondentes a 100%.

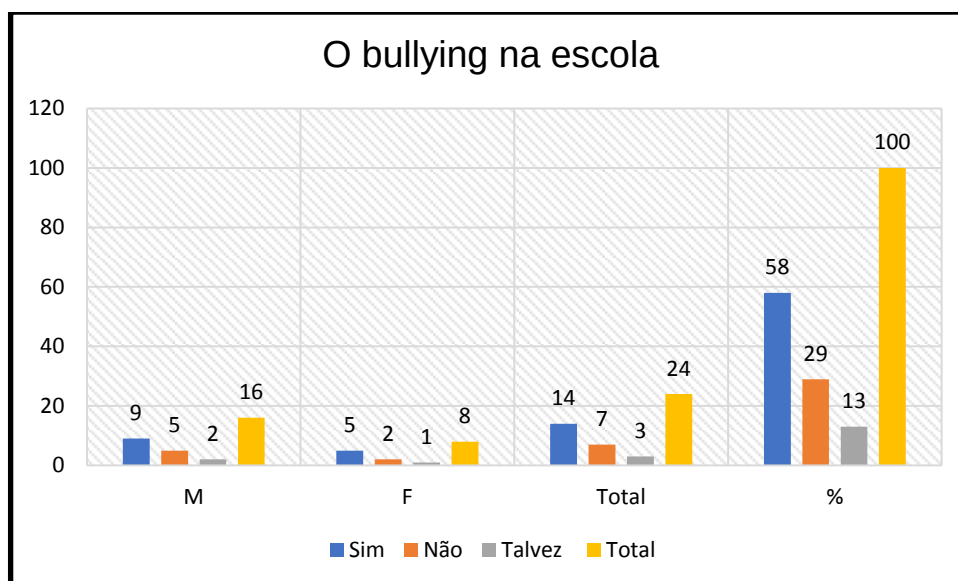
Nota-se que, todos os professores inquiridos ouviram falar do bullying no ambiente escolar.

3.2.4. Já sofreste bullying na escola?

Tabela 19 – Vítimas de bullying

Já sofreste de bullying na escola?				
Respostas	M	F	Total	%
Sim	9	5	14	58
Não	5	2	7	29
Talvez	2	1	3	13
Total	16	8	24	100

Gráfico 15 – Vítimas de bullying



Fonte: Elaboração própria 2023

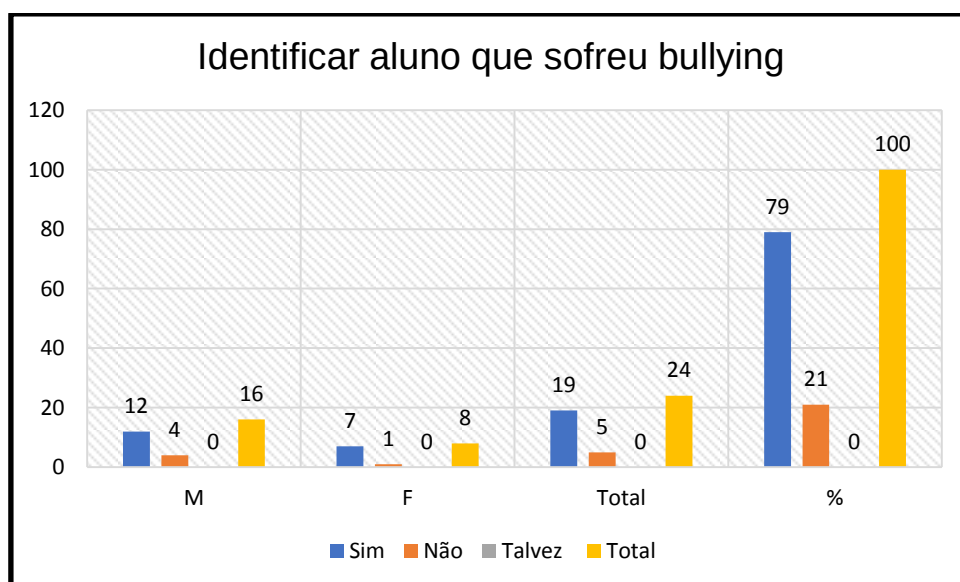
Dos 24 professores inqueridos, 14 professores afirmam que já sofreram bullying, o que corresponde 58%; 7 professores disseram não, o que corresponde 29% e 3 professores responderam talvez, correspondendo 13%, perfazendo 100%.

3.2.5. Já identificou um aluno que sofreu bullying na escola?

Tabela 20 – Identificar alunos que sofreram bullying

Já identificou um aluno que sofreu bullying na escola?				
Respostas	M	F	Total	%
Sim	12	7	19	79
Não	4	1	5	21
Talvez	0	0	0	0
Total	16	8	24	100

Gráfico 16 – Identificar alunos que sofreram bullying



Fonte: Elaboração própria 2023

Os 19 inqueridos indicam já ter identificado alunos que terão sofrido o fenómeno bullying como vítimas, equivalendo a 79%, ao passo que 5 dos professores apresenta dúvidas sobre o facto, o que se pode aferir que nunca tenha identificado, representando 21%, perfazendo o total de 100%.

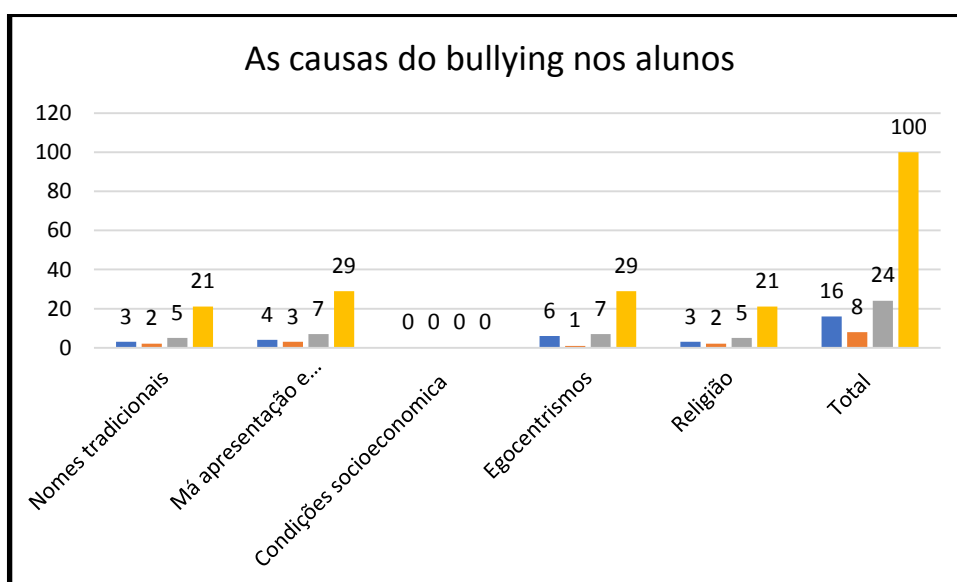
As vítimas do bullying sofrem consequências que vão muito além da simples vergonha ou humilhação. Algumas vítimas experienciam sofrimento psicológico e/ou físico, o que lhes causa absentismo escolar e dificuldades de concentração nos trabalhos escolares. Os estudos, de uma maneira geral, demonstram que as vítimas têm baixa auto-estima, e que a sua vitimização pode levá-las à depressão, a qual pode durar anos após a vitimização. (Sampsom, 2011, p. 17).

3.2.6. Quais são as causas do bullying nos alunos?

Tabela 21 – Causas do bullying nos alunos

Quais são as causas do bullying nos alunos?				
Respostas	M	F	Total	%
Nomes tradicionais	3	2	5	21
Má apresentação e aparência	4	3	7	29
Condições socioeconômica	0	0	0	0
Egocentrismos	6	1	7	29
Religião	3	2	5	21
Total	16	8	24	100

Gráfico 17 – Causas do bullying nos alunos



Fonte: Elaboração própria 2023

Cada inquerido indicou isoladamente as causas que entende como sendo a base para a ocorrência do fenômeno bullying. No entanto, entendem-se como que enquadradas ao que se tem entendido nesse aspecto.

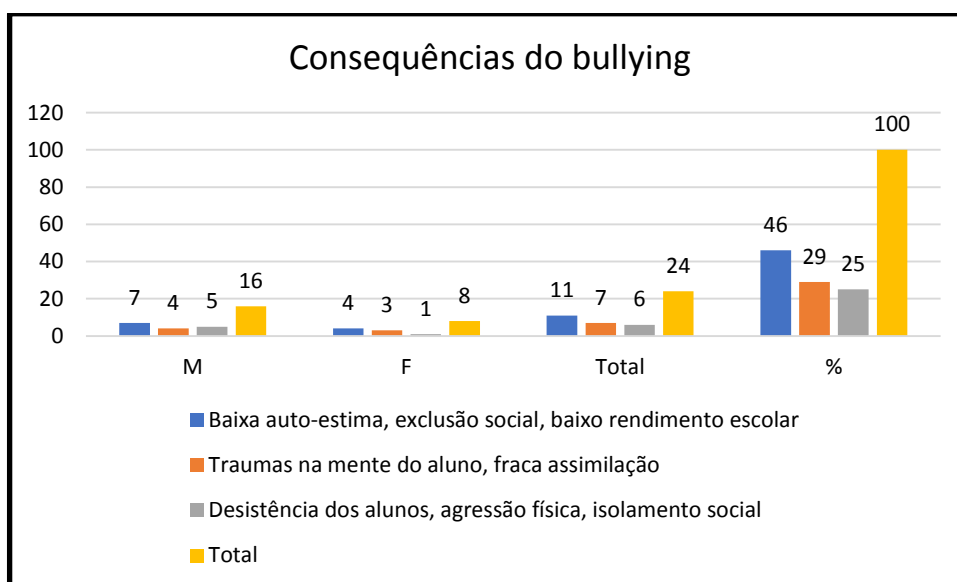
Os factores psicológicos parecem ser relevantes. As vítimas e os agressores manifestam baixa auto-estima e uma péssima influência nas relações interpessoais com os pares. As vítimas geralmente não têm amigos, apresentam uma aparência física frágil em relação aos pares, são usualmente muito protegidas pelos pais, em especial pelas mães. De um modo geral, os pais dos agressores e das vítimas não estão ao corrente da situação, tornando-a ainda mais ambígua. (Monteiro, 2012, p. 35)

3.2.7. Quais são as causas do bullying nos alunos?

Tabela 22 – Consequências do bullying

Quais são as consequências do bullying na vida dos alunos?				
Respostas	M	F	Total	%
Baixa auto-estima, exclusão social, baixo rendimento escolar	7	4	11	46
Traumas na mente do aluno, fraca assimilação	4	3	7	29
Desistência dos alunos, agressão física, isolamento social	5	1	6	25
Total	16	8	24	100

Gráfico 18 – Consequências do bullying



Fonte: Elaboração própria 2023

Nesse leque das consequências do bullying na vida dos alunos, dos adolescentes inquiridos, os que apontaram “Baixa auto-estima, exclusão social, baixo rendimento escolar” são 11 sujeitos que representam 46%; os que responderam “Traumas na mente do aluno, fraca assimilação” são 7 sujeitos correspondentes 29%; a resposta “Desistência dos alunos, agressão física, isolamento social” vem dos 6 sujeitos representando 25%; perfazendo o total de 100%.

Os aspectos mencionados vão de acordo aos indicados por (Sampson, 2011, p. 17), já mencionado e novamente se traz a reflexão; as vítimas do bullying sofrem

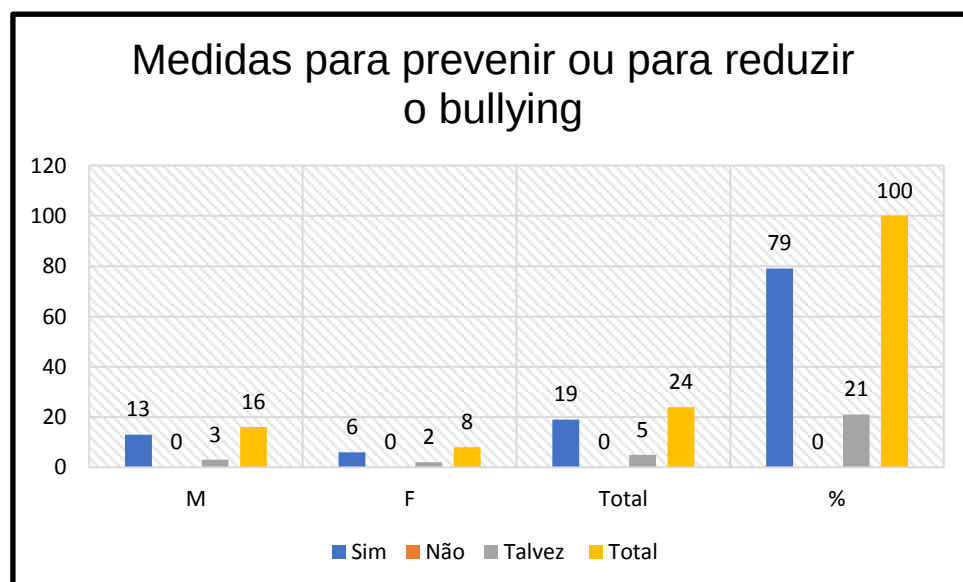
consequências que vão muito além da simples vergonha ou humilhação. Algumas vítimas experienciam sofrimento psicológico e/ou físico, o que lhes causa absentismo escolar e dificuldades de concentração nos trabalhos escolares. Os estudos, de uma maneira geral, demonstram que as vítimas têm baixa auto-estima, e que a sua vitimização pode levá-las à depressão a qual pode durar anos após a vitimização.

3.2.6. Uma vez já sugeriste a direcção adoptar por medidas para prevenir ou para reduzir o bullying?

Tabela 23 – Medidas para prevenir ou reduzir o bullying

Uma vez já sugeriste a direcção adoptar medidas para prevenir ou para reduzir o bullying?				
Respostas	M	F	Total	%
Sim	13	6	19	79
Não	0	0	0	0
Talvez	3	2	5	21
Total	16	8	24	100

Gráfico 19 – Medidas para prevenir ou reduzir o bullying



Fonte: Elaboração própria 2023

Relativamente aos 24 professores inqueridos, demonstram as seguintes informações: as respostas “sim” são provenientes de 13 sujeitos inqueridos correspondentes 79%; a resposta “não” dos 5 sujeitos inqueridos corresponde 21%; perfazendo o total de 100%.

3.3. Discussão e resultados

Na visão chave da revisão bibliográfica no âmbito das consequências psicológicas do bullying entre adolescentes no processo de ensino-aprendizagem, o bullying constitui um factor que remete a vítima à várias consequências, que na sua maioria se repercute em problemas psicológicas, saúde física, ajustamento social, adaptação escolar, adaptação familiar, e adaptação à comunidade.

Perante os resultados podemos concluir que, relativamente ao funcionamento do instrumento utilizado para a recolha de dados, na generalidade, revelou-se uma boa consistência interna.

Quanto ao objectivo geral é compreender as consequências psicológicas do bullying entre adolescentes no processo de ensino-aprendizagem no Colégio Dr. António Agostinho Neto, Município de Mbanza Kongo na Província do Zaire e os Objectivos específicos: Caracterizar o perfil demográfico da amostra segundo a faixa etária e sexo dos inqueridos; descrever as consequências psicológicas do bullying entre adolescentes no processo de ensino-aprendizagem no Colégio Dr. António Agostinho Neto; sugerir a direcção do Colégio as medidas adoptar para mitigar face ao bullying no processo de ensino-aprendizagem.

O trabalho sendo de enfoque quantitativo, as hipóteses foram testadas e confirmadas estão relacionadas com o conhecimento do bullying por parte dos adolescentes; vítimas, agressores e observadores do bullying; causas e consequências do bullying; sugestões à direcção do colégio por parte dos adolescentes sobre as medidas diante do bullying.

O conjunto de hipóteses são respostas provisórias para responder a questão científica e, elaborou-se as seguintes: H1. O bullying afecta o rendimento escolar dos adolescentes no processo de ensino-aprendizagem; H2. Os adolescentes vítimas de bullying perdem motivação no processo de ensino-aprendizagem; H3. As vítimas de bullying apresentam baixa auto-estima no processo de ensino-aprendizagem; H4. O bullying causa isolamento social aos adolescentes no processo de ensino-aprendizagem.

Em todas as hipóteses acima expostas os dados estatísticos indicam a mínima 3, a máxima 29 e a média 13.

A hipótese 1 retrata que, o bullying afecta o rendimento escolar dos adolescentes no processo de ensino-aprendizagem, confirma-se. Muitas vezes, o bullying, por assolar em comunidade escolar, o aluno/adolescente vítima dessa

prática apresenta pouco rendimento escolar. Sendo 29% o resultado da hipótese 1, um número estatístico efectivamente superior à média 13% (tabela 16 e gráfico 10).

A hipótese 2 aborda sobre os adolescentes vítimas de bullying perdem motivação no processo de ensino-aprendizagem, dentro do entendimento, confirma-se. Podemos afirmar que, a perda de motivação é considerada variável notada nas vítimas do bullying, sabendo que os comportamentos de bullying remetem a vítima para consequências diversas, uma delas é esta. O resultado da hipótese 2 representa 19%, um número estatístico visivelmente superior à média 13% (tabela 16 e gráfico 10).

Quanto a hipótese 3 confere sobre as vítimas de bullying apresentam baixa auto-estima no processo de ensino-aprendizagem, confirmada. A auto-estima sendo a dimensão avaliadora do conceito de si, permite aproximar-se do sentimento que possui das suas próprias competências e das suas qualidades nos diferentes domínios, entre eles: a escola (Coslin, 2002). O adolescente vítima do bullying apresentam baixa auto-estima. O resultado estatístico inferior à média 13% (tabela 16 e gráfico 10).

Já a hipótese 4 diz sobre o bullying causa isolamento social aos adolescentes no processo de ensino-aprendizagem, confirma-se. Dentre as várias consequências do bullying para a vítima, confirma-se o isolamento social (Caravanhosa, 2010). A hipótese 6 apresenta 22% o seu valor, superior a 13% da média estatística (tabela 16 e gráfico 10).

Constatamos que a principal resposta no meio das variáveis testadas e confirmadas aponta o baixo rendimento escolar, seguem-se outras variáveis no caso da perda de motivação baixa auto-estima e isolamento social. A única solução é recurso à legislação tanto do Governo como da própria instituição escolar, no contexto de Mbanza Kongo, uma cidade onde se nota ainda a falta de acções suficientes para minimizar a prática do bullying dos adolescentes no processo de ensino aprendizagem.

CONCLUSÃO

De acordo com análise feita, concluiu-se o seguinte:

Identificou-se, as consequências do bullying na vida dos adolescentes inquiridos, que o bullying se manifesta de várias formas, as violências nas escolas envolvem os integrantes deste tanto como agressores quanto como vítimas. Ainda, a violência psicológica é a face mais explícita desse fenômeno, com destaque para as ameaças, principalmente, as feitas pelos alunos, com promessas de retaliações depois do horário escolar. As brigas são corriqueiras e banalizadas e, muitas vezes, incentivadas pelos colegas.

Descreveu-se que, o bullying afecta o rendimento escolar dos adolescentes, perda da motivação, apresentam baixa auto-estima e bullying causa isolamento social aos adolescentes no processo de ensino-aprendizagem. Os que apontaram “baixa auto-estima, exclusão social, baixo rendimento escolar” são 11 sujeitos que representam 46%; os que responderam “Traumas na mente do aluno, fraca assimilação” são 7 sujeitos correspondentes 29%; a resposta “Desistência dos alunos, agressão física, isolamento social” vem dos 6 sujeitos representando 25%; perfazendo o total de 100%.

Portanto, o bullying tem consigo um conjunto de consequência que colocam em causa a vida e bem-estar da vítima agredida. Consequências emocionais ocorrem em grande parte, e como se vê, os inqueridos, entre os seus argumentos indicam de facto que como consequências podem advir baixa auto-estima, exclusão social, baixo rendimento escolar, traumas, entre outros. Desta feita, consegue-se dizer que os objectivos foram alcançados e as hipóteses foram confirmadas.

SUGESTÕES

Diante do fenómeno bullying escolar, sugerimos que as instituições como a família, a escola e o Estado para que, cada uma delas assumisse o seu principal papel sobre o adolescente que comete práticas desagradáveis no Colégio, na nossa cidade-capital, Mbanza Kongo e não só.

- ✓ Que o Colégio de estudo investe na gestão participativa dos conflitos entre membros da comunidade escolar.
- ✓ Que a escola busque o diálogo com o aluno e com a família e realize um trabalho que deve envolver, muitas vezes, profissionais de outros órgãos.
- ✓ Que a escola integre a comunidade que passe a respeitar o papel social do Colégio (ensinar) e reconheça que aquele espaço é de todos.
- ✓ Que o Colégio realize actividades extra-escolares de carácter diverso que promovem a recriação e o convívio social, permitindo, assim, uma comunicação aberta entre professores e alunos, entre os próprios alunos no sentido de se cultivar a troca de ideias e opiniões e um relacionamento saudável.
- ✓ Que as autoridades do Município de Mbanza Kongo assumam as suas responsabilidades educativas e preservar a integridade das suas populações, alocando recursos necessários (financeiros e humanos) com vista a combater as práticas erradas como bullying que se vai registando nas escolas dentro do Município.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, M. M. (2002). *Educação e classes sociais em Cabo Verde*. Praia-Lisboa: Spleen e África Debate.
- Alvarenga, E. M. (2014). *Metodologia de investigação qualitativa e quantitativa: normas técnicas de apresentação de trabalhos científicos*. (C. Amarilha, Trad.) Assunção: A4 Diseños
- Amandio Mario, J. P., & Lemus, L. M. (2018). *Metodologia de investigação educativa*. Bié: Yossu editora.
- Ballone, G. J. (2008). *O que são transtornos mentais*, In: PsiqWeb, Internet. Disponível em: <http://www.psiqweb.med.br>.
- Berger, P. L. & Berger, B. (1977). *O que é uma instituição social*. In: Foracchi, M.M. & J. S. Martins (org.). *Sociologia e sociedade*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, pp. 193-199.
- Berk, L. E. (2000). *Child development*. Boston: Allyn and Bacon, pp.23-38. Disponível em: <http://pt3.nl.edu/paquetteryanwebquest.pdf>.
- Boccato, V. R. C. (2006). *Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação*. In: Revista Odontológica Universidade da Cidade São Paulo, 18/3, pp. 265-274
- Burgess, R. G. (2001). *A pesquisa deterreno. Uma introdução*. Oeiras: Celta.
- Cabana, J. M. Q. (1989). *Sociologia de la educación*. Madrid: Dykinson.
- Carvalho, J. E. (2009). *Metodologia do trabalho científico. Saber fazer da investigação para dissertações e teses*. Lisboa: Escolar Editora
- Carvalhosa, S. (2010). *Prevenção da violência e do bullying em contexto escolar*. Lisboa: Climespi.
- Carvalhosa, S. F., C. Moleiro & C. Sales (2009). *Violence in Portuguese schools*. In International Journal of Violence and School, 9, pp. 57-78.
- Canfield M. et al. (1997). *Avaliar os comportamentos e pesquisar acerca de comportamento agressivo entre adolescentes*. 1ª Edição, Editora: UFMG.
- Collera, L. A. (2017). *Metodologia de investigação educativa*. Luanda: ECO7-Investimentos, Limitada.

Correia, A. M. R. & Mesquita, A. (2014). *Mestrados & doutoramentos. Estratégia para a elaboração de trabalhos científicos: o desafio da excelência*. Porto. Via Económica Editorial.

Coslin, P. G. (2002). *Psicologia do adolescente*. Lisboa. Instituto Jean Piaget.

Coslin, P. G. (2009). *Psicologia do adolescente*. Lisboa. Instituto Jean Piaget.

Costa, M. E. (1990). *Desenvolvimento da identidade*, in: B.P. Campos (coord.), *Psicologia do desenvolvimento e educação de jovens*, Lisboa: Universidade Aberta, pp. 253-284.

Costa, M. E. & D. Vale (1998). *A violência nas escolas*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Davidoff, L. (2001). *Introdução à psicologia*. São Paulo. Pearson Makron Books.

Day, N. (1996). *Violence in school. Learning in fear*. Berkeley Heights, NJ: Enslow Publishers.

Dewey, J. (1974). *Experiência e natureza. Textos selecionados*. São Paulo. Abril S.A. Cultural e industrial.

Decreto nº 2217/21, de 25 de Novembro

Delors, J. (2012). *Educação: Um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez.

Delors, J. et al. (1997). *Educação: Um tesouro a descobrir*. 3.^a edição. Porto: Edições Asa.

Dicionários Editora (2001). *Dicionário ilustrado da língua portuguesa*, Porto: Porto Editora.

Dicionário L. P. (2010). *Prestígio. Nova edição, Porto editora / Plural editora, Portugal. educar para a paz*. 2.^a Edição, rev. ampl. Campinas, São Paulo: Verus Editora, 2005. estudantes. *Jornal de Pediatria*, vol.81, nº5, Novembro. Porto Alegre.

Elsenstein, E. (2005). *Adolescência: definições, conceitos e critérios*. Disponível em: http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?d=1

Erikson, E. H. (1968). *Identity: youth and crisis*. New York: Norton.

Estrela, M. T. (1992). *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula*. Porto: Porto Editora.

Estrela, A. (1994). *Teoria e prática de observação de classes*. Porto Editora. Fante, C.A.Z. (2005). *Fenómeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas. Ed. Versus. SP.

Ferraz, S. & B. Pereira (2012). *Comportamentos de bullying: Estudo numa escola técnico-profissional*. In I. Condessa, B. Pereira & C. Carvalho (Coord.). *Actividade física, saúde e lazer. Educar e formar* (pp. 93-99). Braga: Centro de Investigação em Estudos da Criança, Instituto de Educação, Universidade do Minho.

Fernandes, L. & S. Seixas (2012). *Plano bullying. Como apagar o bullying da escola*. Lisboa. Plátano.

Ferreira, B. W. (1995). *O cotidiano do adolescente*. Rio de Janeiro. Vozes.

Fichter, J. H. (1973). *Sociologia*. São Paulo. Editora Pedagógica Universitária.

Fonseca, J. J. S. (2002). *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza. UEC-Apostila.

Formosinho, M.D.D. & M.D.C.T. Simões (2001). *O bullying na escola: Prevalência, contextos e efeitos*. Revista Portuguesa de Pedagogia, Ano 35 (n.º 2), 65-82.

Gaspar, P. & F. Diogo (2010). *Sociologia da educação e administração escolar. Teoria e prática*. Oeiras. Celta Editora.

Ghiglione, R. & B. Matalon (2001). *O inquérito. Teoria e prática*. Oeiras. Celta Editora.

GIL, A.C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo. Atlas.

Gonçalves, M.H. (2011). *Bullying – A violência nas organizações escolares, quando os professores são as vítimas: Um estudo descritivo na Região Autónoma da Madeira*. Funchal.

Haber, J. & J. Glatzer (2009). *Bullying – Manual anti-agressão – Proteja o seu filho de provocações, abusos, insultos*. Alfragide: Casa das Letras.

Hill, M. M. & Hill, A. (2000). *Investigação por questionário*. Lisboa. Edições Sílabo.

Hirigoyen, M. (2011, p.27). *Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação*. Psicologia e Sociedade, 20(1), 33-41.

Jaley, M. F., Engel, S.B., Gil, L.P. (2001). *O psicólogo e o seu fundamental, Papel*, Edições Plural, Coimbra: Portugal.

Kashani e Allan (1998). *A violência doméstica, contra mulher e crianças*. 1ª Edição Petrópolis: Vozes.

Libâneo, J.C. (1994). *Didática*. São Paulo. Cortez Editora.

Libâneo, J.C. (2001). *O modo de pensar didática e a metodologia do ensino da didática*, In: *Didática – Velhos e novos temas*. Goiânia. Disponível em: <http://sites.uol.com.br/gtdidatica/index.htm>.

Lisboa, C., L. Braga & G. Ebert (2009). *O fenómeno bullying ou vitimização entre pares na actualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção*. Contextos clínicos. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/sciolo.php>.

Lopes, N., Aramis A. (2005). *Bullying: comportamento agressivo entre estudantes*. *Jornal de Pediatria*, v.81, n.5. Porto Alegre, pp.164-172.

Matos, M. & S. Gonçalves (2009). *Bullying nas escolas: comportamentos e percepções*. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 10 (1), 3-15.

Matos, M. & S. Gonçalves (2009). *Bullying nas escolas: Comportamentos e percepções*. *Psicologia, Saúde & Doenças* 10 (1), 3-15.

Marconi, M.A. & E.M. Lakatos (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo. Editora Atlas.

Marconi, M.A. & E.M. Lakatos (2011). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo. Editora Atlas.

Matos, M.G.; J. Negreiro; C. Simões & T. Gaspar (2009). *Definição do problema e caracterização do fenómeno*. In: H.C. Filho & C. Ferreira-Borges (eds.). *Gestão de problema de Saúde em meio escolar: violência, bullying e delinquência*. v.III, pp. 23-53. Lisboa: Coisas de Ler.

Melo, J. Araújo de (2010). *Bullying na escola: como identificá-lo, como previni-lo, como combatê-lo*; Recife: EDUPE.

Nascimento, F.P. & F.L.L. Sousa (2016). *Metodologia da pesquisa científica: Teoria e prática*. Brasília. Thesaurus Editora.

Negro, O. & A. Baban (2009). *Positive development in school settings: school environment influences on perceived school adjustment in a Romanian adolescent sample*, in *Cognitive, Brain & behavior*, 13(3), pp. 253-267.

Neto, A. (2005). *Diga não para o bullying: programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes*. Rio de Janeiro: Abrapia.

Oliveira, A. Schutz De & Priscilia Da S. António (2006). *Sentimentos do adolescente relacionados ao fenómeno bullying: possibilidades para a assistência da enfermagem nesse contexto*. *Revista electrónica de enfermagem*, v.8, n.1, pp. 30-41. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fen>.

Olweus, D. (1993). *Bullying at school: What we know and what we can do*. Cambridge, M.A.: Blackwell Publishers.

Olweus, D. & S. Limber (2010). *The Olweus Bullying Prevention Program. Implementation and Evaluation over Two Decades*. In: S. Jimerson, S. Swearer & D. Espelage (Eds.), *Handbook of Bullying in Schools. An International Perspective* (pp. 377-401). New York: Routledge.

Organização Mundial Da Saúde (1975). *El embarazo y el aborto em la adolescencia*. Genebra.

Organização Mundial Da Saúde (2002). *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Genebra.

Papalia, D. E., S. W. Olds & R.D. Feldman (2000). *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre. Artmed.

Pacheco, M. H. (2010). *O psicólogo e a ética profissional*. 2ª Edição, Recife: Brasil.

Pepler, D., & W. Craig (2000). *Making a Difference in Bullying*. *La Marsh Research Report # 60*. Toronto, ON: York University.

Pereira, B.O. (1997). *Estudo e prevenção do bullying em contexto escolar – Os recreios e as práticas agressivas da criança*. Tese de Doutorado em Estudos da Criança apresentado à Universidade do Minho. Minho.

Pereira, B. (2008). *Para Uma Escola Sem Violência. Estudo e Prevenção das Práticas Agressivas Entre Crianças*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Pereira, B. O. (2019). *Para uma escola sem violência. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Pereira, B. O.; M. Silva & B. Nunes (2009). *Descrever o bullying na escola: Estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal* (on-line), 9(28), pp. 455-466.

Pilette, N. (1985). *Sociologia da educação*. São Paulo. Editora Ática.

Ramírez, F. (2001). *Condutas agressivas na idade escolar*, Amadora: McGraw-Hill.

Rochelle, H. W. (2000). *Como ter sucesso escolar*. 5ª Edição. Porto: Editora Alegre.

Santeres, J. P., Cristóvão, F. M., Manuel, J.G. (2013). *Manual prático do psicólogo*. Edições plural, Odivelas: Portugal.

Sampaio, D. (2000). *Ninguém morre sozinho: adolescente e o suicídio*. Lisboa: Editorial Caminho.

Sampson, E. B. (2011). *Bullying: Mentos perigosos nas escolas*. 1ª Edição. Brasil, Rio de Janeiro.

Sarramona, J. (2000). *Teoría de la educación. Reflexión y normativa pedagógica*, Barcelona: Ariel Educación.

Sebastião, J. (org.) (2010). *Violência na escola. Tendência, contextos, olhares*. Chamusca: Edições Cosmos.

Serrate, R. (2009). *Lidar com bullying na escola. Guia para entender, prevenir e tratar o fenómeno da violência entre pares*. Sintra: K. Editora.

Silva R., & Meneses J. (2005). *Pesquisa quantitativa-metodologia da pesquisa e elaboração de*. 4ª Edição dissertação. São Paulo: Editora florianopolis.

Silva, A.B. (2010). *Bullying: mentos perigosos nas escolas*. Rio de Janeiro. Objectiva.

Smith, J.D.; B. Schneider, P.K. Smith & K. Ananiadou (2004). *The Effectiveness of Whole-School Antibullying Programs: A Synthesis of Evaluation Research*. School Psychology Review, 33 (No. 4), 547-560

Soares, I. (1990). *O grupo de pares e a amizade*, in B.P. Campos (coord.), *Psicologia do desenvolvimento e educação de jovens*, Lisboa: Universidade Aberta, pp. 95-137.

Sprinthall, N.A. & R.C. Sprinthall (1993). *Psicologia educacional*. Lisboa. McGraw-Hill.

Steinberg, L. (1993). *Adolescence*, New York: McGraw-Hill.

Talani D., F.P. (2017). *Relação família e escola: rendimento escolar dos alunos*. Luanda: Centro de Língua Portuguesa.

Tavares, J. & Alarcão I. (2005). *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. Coimbra. Edições Almedina.

Vigotsky, L.S. (2001). *A construção do pensamento e da linguagem*, São Paulo: Martins Fontes.

Waterman, A. S. (1982). *Identity development from adolescence to adulthood: extension of theory and review of research*. Development Psychology, 18, 341-358.

Zanella, A. (2013). *Fundamentos de metodologia científica*. 1ª Edição. São Paulo: Editora. Atlas.

Zassala, C. (2017). *Investigação à pesquisa científica. Ler, captar o essencial e tomar apontamentos. O método do estudo universitário*. Luanda. Mayamba Editora.

Zassala, C. (2017). *Psicologia social. Compreensão da interacção humana*. Luanda. Mayamba Editora.

APÊNDICES

Questionário aplicado aos alunos/adolescentes do Colégio

Dr. A. Agostinho Neto em Mbanza Kongo

O curso de Psicologia do Instituto Superior de Angola realiza uma investigação científica, para recolha de dados sobre “Consequências psicológicas do bullying entre adolescentes no processo de ensino-aprendizagem no Colégio Dr. A. Agostinho Neto, em Mbanza Kongo, na província do Zaire.

Todas as questões são anónimas, pelo que pedimos que respondas-as com toda a sinceridade.

Lê, com atenção, cada questão até ao fim, pense com cuidado sobre cada uma das situações antes de assinalares a tua resposta.

A sua participação contribui no êxito desta pesquisa.

Secção I.

Sexo: ____

Idade: ____ anos

Secção II.

O bullying diz respeito a um tipo de violência exercida entre pares em contexto escolar. Pode ser **físico** (ex: pontapear, dar bofetadas; dar socos, roubar, destruir pertences), **verbal** (ex: gozar, insultar, dar apelido depreciativo, espalhar rumores), **psicológico** (ex: ameaçar, chantagear, enviar mensagens ou fazer telefonemas a dizer coisas desagradáveis), **social** (ex: ignorar, excluir socialmente) e **sexual** (ex: exibicionismo, assédio, comentários desagradáveis acerca de determinadas zonas do corpo da vítima, gozar da orientação sexual do outro, tocar em partes íntimas do colega sem da vontade dele, divulgar comentários ou imagens ou vídeos alheios de carácter sexual).

Conforme a definição do conceito de bullying acima referenciada, responde nas seguintes questões de sua escolha (**assinalando com um X**).

1. Já ouviste falar de bullying no meio escolar?

a) Sim ☐

b) Não ☐

c) Talvez ☐

2. Já sofreste de bullying na escola?

a) Sim ☐

b) Não ☐

c) Talvez ☐

3. Um dos teus colegas já sofreu de bullying na escola?

a) Sim ☐

b) Não ☐

c) Talvez ☐

4. Já agrediste um dos colegas na escola?

a) Sim ☐

b) Não ☐

c) Talvez ☐

5. Um dos teus colegas já agrediu outro colega na escola?

a) Sim ☐

b) Não ☐

c) Talvez ☐

6. Quando vês um(a) aluno(a) a bater ou a magoar outro(a), o que é que costumas fazer?

Nunca aconteceu ☐ Tento socorrer o aluno agredido ☐

Nada ☐ Procuro a ajuda de um adulto ... ☐

Viro as costas pois não é nada comigo ☐ Tento separá-los ☐

Limito-me a assistir ☐ Apoio o agressor ☐

7. Quais são as causas do bullying nos alunos?

Individuais ☐

Escolares ☐

Familiares ☐

Sociais ☐

Relacionais ☐

Culturais ☐

8. Quais são as consequências do bullying na vida dos alunos?

Diminuição do rendimento escolar ☐

Perda da motivação ☐

Dificuldades em adormecer ☐

Fraca auto-estima ☐

Distúrbios do comportamento ☐

Isolamento social ☐

9. Uma vez já sugeriste a direcção a optar por medidas para prevenir ou para reduzir face ao bullying?

a) Sim ☐

b) Não ☐

c) Talvez ☐

Obrigado

Questionário aplicado aos professores do Colégio Dr. A. Agostinho Neto em Mbanza Kongo

O curso de Psicologia do Instituto Superior de Angola realiza uma investigação científica, para recolha de dados sobre “Consequências psicológicas do bullying entre adolescentes no processo de ensino-aprendizagem no Colégio Dr. A. Agostinho Neto, em Mbanza Kongo, na província do Zaire.

Todas as questões são anónimas, pelo que pedimos que respondas-as com toda a sinceridade.

Lê, com atenção, cada questão até ao fim, pense com cuidado sobre cada uma das situações antes de assinalares a tua resposta.

A sua participação contribui no êxito desta pesquisa.

Secção I.

Sexo: ____

Idade: ____ anos

Secção II.

O bullying diz respeito a um tipo de violência exercida entre pares em contexto escolar. Pode ser **físico** (ex: pontapear, dar bofetadas; dar socos, roubar, destruir pertences), **verbal** (ex: gozar, insultar, dar apelido depreciativo, espalhar rumores), **psicológico** (ex: ameaçar, chantagear, enviar mensagens ou fazer telefonemas a dizer coisas desagradáveis), **social** (ex: ignorar, excluir socialmente) e **sexual** (ex: exibicionismo, assédio, comentários desagradáveis acerca de determinadas zonas do corpo da vítima, gozar da orientação sexual do outro, tocar em partes íntimas do colega sem da vontade dele, divulgar comentários ou imagens ou vídeos alheios de carácter sexual).

Conforme a definição do conceito de bullying acima referenciada, responde nas seguintes questões de sua escolha (**assinalando com um X**).

1. Já ouviste falar de bullying no ambiente escolar?

a) Sim ☐

b) Não ☐

c) Talvez ☐

2. Já sofreste de bullying na escola?

a) Sim ☐

b) Não ☐

c) Talvez ☐

3. Um dos teus colegas já sofreu de bullying na escola?

a) Sim ☐

b) Não ☐

c) Talvez ☐

4. Já agrediste um dos colegas na escola?

a) Sim ☐

b) Não ☐

c) Talvez ☐

5. Um dos teus colegas já agrediu outro colega na escola?

a) Sim ☐

b) Não ☐

c) Talvez ☐

6. Quando vês um(a) aluno(a) a bater ou a magoar outro(a), o que é que costumás fazer?

Nunca aconteceu ☐ Tento socorrer o aluno agredido ☐

Nada ☐ Procuro a ajuda de um adulto ... ☐

Viro as costas pois não é nada comigo ☐ Tento separá-los ☐

Limito-me a assistir ☐ Apoio o agressor ☐

7. Quais são as causas do bullying nos alunos?

Individuais ☐

Escolares ☐

Familiares ☐

Sociais ☐

Relacionais ☐

Culturais ☐

8. Quais são as consequências do bullying na vida dos alunos?

Diminuição do rendimento escolar ☐

Perda da motivação ☐

Dificuldades em adormecer ☐

Fraca auto-estima ☐

Distúrbios do comportamento ☐

Isolamento social ☐

9. Uma vez já sugeriste a direcção a optar por medidas para prevenir ou para reduzir face ao bullying?

a) Sim ☐

b) Não ☐

c) Talvez ☐

Obrigado

ANEXOS

